SINDULFO SANTIAGO

NA ROTA DOS AUSENTES

E OUTRAS CRÔNICAS

João Pessoa, 1988

Direitos desta Edição reservados ao autor

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

DEDICATÓRIAS

Ao meu pai, a ausência maior dessa "rota"

À minha mãe.

Às minhas Marias, esposa e filhas, razão maior de minha vida.

Aos meus irmãos, companheiros da "travessia" da infância.

SUMÁRIO

PREFÁCIO 11
MEU AMIGO SÍLVIO 13
A PARTIDA AO AMIGO 17
A VIAGEM DO POETA 21
O ADEUS A GILBERTO 25
DRUMMOND NÃO MORREU 29
SAUDADES DE JOÃO MEDEIROS 31
ZÉ DA BANANA 33
ZÉ DE JUDÍ 37
BOANERGES 39
A PAIXÃO DE EDUCAR 43
JOSÉ AMÉRICO – DOIS EPISÓDIOS – I 45
JOSÉ AMÉRICO – DOIS EPISÓDIOS – II 47
TEMPOS DA PRAIA DO POÇO 51
TIBIRÍ – A MORTE DO IRMÃO MAIS VELHO 53
TEMPOS DO RECIFE – I 57
TEMPOS DO RECIFE – II 61
TEMPOS DO RECIFE – III 65
TEMPOS DO RECIFE – IV 67
TIA NENA 71
COLEGAS DE TURMA 73
CONFISSÕES DE DOMINGO 77
O GOSTO DA CITAÇÃO 81

O PODER DA PALAVRA 85
CONFISSÕES INDISCRETAS 89
UM NATALÍCIO ESPECIAL 93
ADEUS AS ARMAS 97
DOMINGO DAS MÃES 101
O DIA DA CRIANÇA 103
CHE GUEVARA – VINTE ANOS DEPOIS 107
MEDITAÇÃO DO DOMINGO 109
A EUTANÁSIA GAUCHA 111
CRISTIANO – O MORTO VIVO 115
TRAGÉDIA DO COTIDIANO 117
MÃE CRIMINOSA 121
A VÍTIMA DO AMOR 125
A NOVA PARANÓIA 127
PORQUE HOJE É SÁBADO 129
OS EX-MARIDOS EXPLORADOS 131
A GERAÇÃO DO ESPAÇO 135
FLORES PARA AS TELEFONISTAS 139
UM NOVO CAPITÃO BLOOD 141
MEU REINO POR UM AMOR 145
O NOVO HERÓI DA ALEMANHA 147
A DAMA DE FERRO 149
O ROMANCISTA E A TERRA 151
O VELHO E O MAR 153
O CINQUENTENÁRIO DO POETA 155

PREFÁCIO

Conhecemo-nos meninos, morando próximo, rua Direita e rua Nova, na parte mais antiga da cidade bem-amada. Foi quando lhe morreu o irmão mais velho, episódio sentidamente evocado em uma das crônicas deste volume.

Depois, a aproximação maior, na contemporaneidade do colégio, as fardas quase militares dos escolares do tempo a conferirem um ar grotesco de adultos forçadamente precoces. Os veraneios da Praia do Poço, o tempo dividido entre as conversas já repassadas de curiosidades intelectuais e a contemplação das jovens deusas que adolesciam em graça.

O convívio crescia, e com ele, a amizade, movida por afinidades. Passávamos tardes juntos na Biblioteca Pública, a descobrir autores — poetas, romancistas, ensaístas — que devorávamos em largos sorvos, atropeladamente, sem método nem roteiros preestabelecidos. Íamos, à noite, às reuniões dos grêmios literários, aos debates, nem sempre tranquilos, com outros companheiros animados pelos mesmos interesses. Noites que já nos encaminhavam, também, para a boêmia incipiente.

Os caminhos se separaram, no curso superior. Fiquei aqui mesmo, na Faculdade de Direito que ensaiava os primeiros passos. Ele foi para o Recife, a se abrigar nas tradições refinadas da casa de Tobias Barreto.

Fui, então, para o interior do Estado, palmilhando os caminhos sacri-

ficados da carreira judiciária. Ele ficou aqui, de volta dos estudos, convocado, vez por outra, para cargos administrativos relevantes e incursões em campanhas políticas.

De quando em quando nos encontrávamos. E aí, eram as longas palestras, a atualizar os assuntos, a lembrar conhecimentos, a trocar impressões sobre novos livros que continuávamos a consumir, renitentes leitores que nunca deixamos de ser.

Até que voltamos à convivência diária, no ensino universitário. Sindulfo começava a produzir. Sentia que o capital cultural acumulado, ao longo de todos esses anos, não poderia continuar guardado avaramente, para deleite do próprio dono. Nem se poderia compreender que, quem tanto tinha e tem a dar, se recusasse, intelectualmente somítico, a repartir seu cabedal.

Os jornais pessoenses passaram a receber suas crônicas. Gênero multiforme, a permitir a abordagem de tudo ou quase, a combinar-se com os mais vários estilos.

Em crônicas ele fez memórias, comentou fatos noticiados pela imprensa, discorreu sobre datas simbólicas, apreciou produções literárias. Sempre com apuro, com segurança, com elegância. Sempre a revelar o espírito engenhoso, a ilustração, a base literária do autor.

Com pena emocionada e quase lírica, Sindulfo revive seus ausentes. Os que já pagaram seu tributo biológico, os que estão distantes, os que foram engolfados pela vida.

Percorre-lhes a rota. Trá-los de volta, graças à magia recriadora de seu talento. Parentes próximos, agregados familiares, amigos — da infância, da juventude, da idade madura —, pessoas com quem ele teve contactos apenas fugazes ou nenhum contacto, uns famosos, outros anônimos, os que são sempre notícia e os que aparecem nos noticiários apenas uma vez, por força de acontecimentos extraordinários.

Agora, Sindulfo Santiago reúne essas crônicas em livro. Fez ele bem em resgatá-las da efemeridade dos periódicos. E nos fará bem sua leitura.

Humberto Mello

MEU AMIGO SÍLVIO

Sílvio Porto nos deixou de repente. Interrompeu a vida como muitas vezes interrompia o papo numa mesa de bar. Sempre informal, no seu modo de ser, evitou despedidas e partiu sozinho, desta vez para percorrer os misteriosos itinerários da outra vida.

A cidade, que tanto amou, aturdiu-se com a notícia de sua morte e continua quente de sua presença.

Homem sempre em trânsito, marcado pelo destino das viagens, lançou-se a caminho do tempo imponderável, quem sabe, para um reencontro com amigos que se foram antes dele.

O gosto pelos hotéis e pelos bares, onde passou boa parte da existência, assinala bem as tendências do espírito inquieto que tinha, sempre de passagem, a buscar com sofreguidão alguma coisa que não conseguia encontrar.

Privei de sua amizade, ao longo de toda a sua vida, e enriqueci a minha experiência no contacto com seu espírito de escol. Era um esteta, no sentido mais genuíno da expressão. Gostava da frase bem vestida, sempre tocada de uma leve ironia, à moda de Machado. E as ia largando, onde estivesse, com a prodigalidade de um marajá indiano a distribuir pérolas, indiferente ao seu valor, com os famintos do país de Buda. Homem refinado, não achatou a existência no ramerrão da rotina. Vivia, intensamente, os

paradoxos do mundo, sempre imerso nas perplexidades do seu destino,como um novo Édipo a lutar incessantemente para desvendar o mistério da Esfinge. Dele se poderia repetir o que Humberto de Campos já dissera a respeito de Graça Aranha: "Não conheceu a decadência do espírito, que amesquinha, nem a velhice do corpo, que envergonha". Morreu lúcido e belo, com a inteligência intacta, pleno de vitalidade, e com a elegância distraída de um Petrônio perdido nas claridades dos trópicos. Tinha nos olhos uma tristeza fluvial, herança talvez da infância no Espírito Santo, embalada pelas cantigas de ninar do velho Paraíba, que ali corre sem pressa, emoldurado pelos cenários verdes dos canaviais. Na juventude, nos tempos acadêmicos, iria encontrar o Capibaribe, a misturar-se com o mar, e a empapar-se de estrelas nas noites de verão da cidade do Recife. Foi ali que teceu os sonhos de sua existência e forjou os caminhos que não abandonaria jamais. Impregnou-se da cidade, como Virginius, seu primo e amigo de fé. Nos últimos anos, a ela voltava, constantemente e, no Grande Hotel, no convívio de sua solidão, refazia roteiros sentimentais da mocidade distante, a exumar dos desvãos do passado amigos que já haviam partido mas que estavam presos para sempre nos recantos mais íntimos de sua sensibilidade. E lá vinham Demócrito de Souza Filho, rubro de idealismo, desfraldado nas asas de sua fé democrática; Carlos Penna, cabelos ao vento, ainda aljofrados da saliva do mar, a entoar cânticos às mulheres da noite, essas filhas do cais e do lamarão, sempre trajadas das luzes do Cassino Americano e da Pensão Cinquenta; o velho Mac Dowel, nas mesas do Bar Savoy, transfigurado por um êxtase renascentista, a recitar Dante Alighieri no original. Depois dessas tertúlias inesquecíveis, voltava a João Pessoa, de alma regalada, para suportar os desencontros que o destino reserva a cada um de nós. E assim retomava a faina da judicatura, solene e formal, a sonhar com Vinícius nos braços de Pontes de Miranda.

Assim foi meu amigo Sílvio, perdulário e angustiado, sempre partindo por novos caminhos para reencontrar a sua solidão.

Estou a vê-lo, numa mesa onde se serve o néctar dos deuses, aos acordes de harpas azuis, ao lado de Virginius, a ouvir Vinícius recitar o poema de sua paixão:

"Silêncio da madrugada
No Edifício Miramar.
Sentada em frente à janela
Nua, morta, deslumbrada
Uma moça mira o mar..."

Aqui, na terra, João Pessoa anda despovoada. O Recife também. No Cassino da Lagoa, no Elite, no Tropicana, uma cadeira ficará vazia — a cadeira de Silvio.

A PARTIDA AO AMIGO

O meu amigo João Pereira Gomes finalmente partiu. Na medida de suas forças e de sua coragem, retardou como pôde uma viagem que já estava marcada. Há mais de um ano, notificado pelos caprichos inexplicáveis do destino, sabia que tinha de viajar. Só o gosto da vida, o apêgo à família e a fidelidade aos amigos, com quem se recusava de interromper a convivência, foram capazes de operar o milagre da multiplicação dos dias e das horas que estavam fora da agenda inelutável da Providência. E, com esses expedientes, foi ficando até não mais poder.

Nessa quarta-feira última, pela manhã, cansado de tanto lutar, resolveu render-se à força do chamamento atroz, e partiu. Como era dos seus hábitos, quis partir cedo. Ali pertinho, ficava a lagoa do parque Solon de Lucena, tantas vezes por ele contornada, nas antemanhãs da existência, nos exercícios de cooper que fazia diariamente. E, decerto, que nessa última passagem pelos espaços verdes da querida lagoa, terá olhado, embevecido, como sempre, mais uma vez, as palmeiras imperiais que a circundam e que àquela hora ainda estão úmidas do orvalho dos beijos que a madrugada lhes dá.

E o seu coração, generoso e bom, certamente terá se enchido, pela última vez, de toda a beleza da cidade, que ele tanto amou, para dela se impregnar, na hora da partida, para todo o resto dos tempos. Depois, já aí

conduzido pelos misteriosos rituais da morte, foi levado pelos amigos à cripta do Tribunal de Justiça do Estado e lá, como costumava fazer em vida, se inundou dos fluidos que se evolam das cinzas sagradas de Epitácio, com o objetivo, quem sabe, de levar para o campo santo outra lembrança que lhe foi cara e que aqueceu o espírito de escol que possuiu durante toda a sua vida.

Ao que parece, não lhe sobrou tempo de ir à Camboinha, despovoada e triste nessa época do ano, mas tão impregnada de sua presença, sempre a lembrar verões passados, quando eu, ele e Oswaldo Trigueiro faziamos longas viagens de sonho e de fantasia de vida, sob as vistas acariciantes e mornas do sol e do mar.

Está claro que esses recantos, que tanto amou, não vão esquecê-lo. Exatamente, porque João, como certas pessoas, privilegiado pelos seus inexplicáveis dons e por estranhos sortilégios, ficará plantado, como um acidente físico, nas paisagens de sua predileção. Não tenho dúvidas de que meu amigo João permanecerá presente, pelo tempo afora, na moldura desses lugares onde viveu, onde amou, e onde, finalmente, se fez coisa.

Conheci João Pereira Gomes há uns vinte anos atrás. Sempre alegre, educado, fluente, trazendo nos lábios a palavra amável e carinhosa. Amava os amigos, até quando contra eles exercitava a arte da intriga. Como um nobre florentino, sob o domínio dos Bórgias, admirava a sofisticação dessa arte, sem nunca guardar no coração a intenção de fazer o mal ou o prazer doentio do sadismo.

Gostava, ainda, da música, do direito e de Hitler. Com a primeira, envolveu sua personalidade, cativante e franca, das mais deliciosas melodias dos "lieds" de sua querida Alemanha, essa segunda pátria de sua afeição. Já o direito, essa outra sinfonia universal, que nos foi legada pelo gênio imperecível dos romanos, seria o gládio dos seus muitos combates, a atuar como uma espécie de tropel wagneriano que nunca deixou de agitar a alma guerreira que lhe estava subjacente. E o que dizer de sua paixão por Adolf Hitler, o seu amado, o seu querido, o seu nunca esquecido Führer? Penso, às vezes, que a paixão de João pelo líder alemão nasceu das exterioridades da liturgia nazista. A cruz suástica, o siegh heil, as canções guerreiras, enfim o aparato ritualístico das celebrações coletivas do nacional socialismo. Tudo isso enfeitiçava e sacudia uma vocação belicosa que jazia, em estado de latência, no sangue do meu querido amigo que, agora, viajou.

João Pereira Gomes foi, também, um diletante da vida. Dela retirou o que lhe permitiu o tempo que durou sua existência. Amava as viagens longas, sempre terminadas na sua amada Alemanha. Ali, na terra do seu ídolo, revigorava-se do potencial de sonhos que eram tão necessários para ele, sonhos que sempre embalaram a terra encantadora das valquírias.

Com a sua morte, a Paraíba perde um grande filho. E o que dizer dos seus amigos, como eu? Esses ficaram mais pobres, mais tristes, mais sozinhos. A partir de agora, vão ter que viver sem a companhia de João.

A VIAGEM DO POETA

Raimundo Asfora resolveu viajar. Para a partida, sempre fiel aos ditames da boemia, escolheu a madrugada. A madrugada de sua Campina que, a essa hora, envolvida pelos frios gelados da serra, se embalsama dos perfumes suaves dos seus jardins de gerânios e das músicas cariciosas dos seus pássaros canoros. Foi assim, no aconchego inebriante dessas doçuras da natureza, que o poeta partiu. Com esse gesto, Asfora continuava a longa emigração pelas idades, como a obedecer aos imperativos incontornáveis de uma vocação, herdada por ele, dos seus ancestrais beduínos. Afinal, pervagar sem rumos pelos silenciosos descampados do deserto tem sido o destino de todos os filhos do Levante. Quis partir, desta vez, sozinho, cioso, como de costume, dos privilégios de sua solidão. Desejava reatar o seu diálogo interminável com a noite, tantas vezes interrompido pelas solicitações irreverentes e absurdas da vida. Tomou a decisão de reverter esse jogo de alternâncias que faz da existência um dueto de dias e de noites. E foi, assim, que, num rompante dramático, penetrou para sempre na noite sem fim da eternidade.

A morte do poeta dilacerou fundo o coração da sua cidade. Campina emergiu, de repente, na orfandade de uma ausência que a deixou infinitamente mais solitária. Os seus becos, os seus bares, as suas praças, ficaram

vazias do seu poeta e taumaturgo. Vazias e tristes, como os salões dos grandes teatros da Itália quando emudeceu de vez o violino mágico de Paganini. Vazias e tristes, como as ruas alegres de Viena, quando ficaram privadas das harmonias celestiais, captadas das esferas, pelo gênio musical de Wolfgang Amadeus Mozart. Também as mulheres da noite campinense perderam o seu pastor, que por lá andava, sempre vestido de preto, a espalhar, com toda a largueza de um perdulário indiano, os filtros capitosos do seu verbo, enchendo de beleza e de sensualismo as festas pagãs da Rainha da Borborema.

E o que dizer dos comícios, a partir de agora, sem o tribuno do povo? Sem ele, as maratonas eleitorais vão ficar sem som. Sua palavra, como uma força incontrolável da natureza, desencadeava as descargas elétricas do entusiasmo e das explosões populares. Como os relâmpagos do inverno campinense, seu verbo riscava os céus da cidade numa fantasmagoria de golpes incandescentes. A palavra, mágica e desintegradora, revolvia a alma popular que, liberta de suas prisões, invadia as praças e os auditórios com o clamor ensurdecedor de uma trovoada. Dono absoluto dos segredos da oratória, Asfora, como seu irmão-de-fé Alcides Carneiro, atingiu culminâncias reservadas, apenas, aos eleitos de Deus. O discurso, às vezes como um regato cantante, lhe saia cristalino, sem atropelos nem obstáculos, nos momentos em que abria seu coração de poeta aos descantes do lirismo em homenagem ao seu povo. Outras vezes, incendiado pela ira sagrada do seu civismo intransigente, vomitava o fogo do seu idealismo com a força e a beleza de uma erupção do Vesúvio. Soube guardar suas idéias com a avareza com que os heróis da história protegiam os imperativos inegociáveis da própria honra. E, por isso, nos anos sombrios da ditadura militar, foi cassado. Reduzido assim ao silêncio forçado no parlamento brasileiro, como os antigos profetas do Alcorão, saiu a pregar pelos bares, pelas ruas, pelas praças, contaminando a alma da sua cidade com as sementes da inconformação e da revolta.

E um belo dia, sob o calor dos primeiros raios da democracia, o tribuno retornou ao seu mandato, ungido, como sempre, pela confiança do seu povo. E, lá, reencetou sua antiga luta, que não era propriamente sua, nem de Tancredo, nem de ninguém, porque era, antes de tudo, a fatalidade da vocação de um povo que nascera, por um designio imperscrutável de

Deus, consignado a uma existência presidida pela liberdade. Foi, nessa última fase, um incansável legionário da redemocratização. Seu verbo, como a espada de fogo de um novo São Miguel, afugentou a revoada dos morcegos que se preparavam para deitar os dentes vorazes no sangue limpo da pátria renascida. E, como um lidador imbativel, apenas com o viático de sua fé democrática, percorreu os caminhos acidentados da luta eleitoral no seu Estado, sagrando-se vice-governador do seu povo.

Depois disso, quem sabe, o poeta julgou concluida a sua missão. E, talvez,por isso, tenha decidido partir para travar, agora sozinho, uma luta maior, uma luta que não terminará mais nunca — a luta do poeta com as perplexidades do seu destino. Asfora, como no poema de Vinicius em homenagem a Garcia Lorca, sabia que "a morte é simples de madrugada". E, ali, no silêncio de sua granja, com o cigarro, o uisque e a Biblia, e ainda, como no poema, "em meio às flores de sangue", partiu para essa última peregrinação, a que o empurrava o seu destino de andarilho impenitente. É possível,pois a lenda faz parte da vida, que uma bela noite ele volte e, transfigurado em duende,vá ao bar de Manoel da Carne de Sol e lá com os amigos de sempre retome um papo que se interrompeu. Daqueles muitos papos que ele travou em vida, durante as noites da boemia, sobre os misteriosos sortilégios da morte.

O ADEUS A GILBERTO

Carregado de glória, aos 87 anos, no doce aconchego do seu querido Recife, Gilberto Freyre foi embora. Do hospital, onde selou os olhos para iniciar a caminhada da imortalidade, que não termina mais, Gilberto foi trazido, ainda, ao casarão senhorial de Apipucos para, ali, em meio aos seus livros e aos fantasmas amados do seu remoto passado, se impregnar, pela última vez, dos cheiros fortes das flores e das árvores que povoam os ensombrados jardins de sua velha mansão.

Esses cheiros e esses perfumes, que embalsamaram o corpo inerte de Gilberto, continuarão trescalando, para todo o sempre, das páginas imperecíveis que escreveu, e que, como pautas musicais, formam a sinfonia maviosa e universal de sua grande obra.

Em meio ao pranto copioso do seu povo, que se misturou às águas das chuvas fortes que caiam na tarde do seu enterro, Gilberto Freyre foi sepultado no cemitério de Santo Amaro. E, ali, bem no coração da cidade do Recife, vai, finalmente, realizar a incontornável vocação telúrica que marcou tão fortemente o seu destino glorioso no mundo.

De agora em diante, como sempre desejou, será terra também. Terra sensual e passiva, como as várzeas de massapê descritas em "Nordeste" e em "Casa Grande e Senzala", a saciar, ele também, a fúria dominadora e cruel dos canaviais verdes que cobrem, qual imenso tapete ondulante, a zona da mata do seu inesquecível Pernambuco.

A sua vasta obra científica será, daqui por diante, a testemunha perene desse novo Colombo que, munido de sua fé e de sua inteligência, singrou os oceanos, até então desconhecidos, oceanos que o levariam às origens mais escondidas dessa civilização portuguesa, fundada nos trópicos. "Casa Grande e Senzala" é a grande epopéia da cultura brasileira, como o "Dom Quixote" e "Os Lusíadas" o foram da cultura de Espanha e de Portugal.

Aos 33 anos de idade, recém-saído da universidade de Columbia nos EUA, onde pontificava o antropólogo Franz Boas, Gilberto Freyre publicaria o seu livro fundamental, onde se conta, com todos os sortilégios de uma prosa poética insuperável, a aventura dramática das trêas raças que, juntas, deveriam formar na costa oriental da América do Sul, esse novo produto humano dos trópicos americanos, que é, exatamente, o homem brasileiro.

"Casa Grande e Senzala" fica sendo, assim, o documento vivo de nossa aventura existencial como povo. O seu autor, dono de uma originalidade científica que é própria dos gênios, não se deixou esmagar por condicionamentos teóricos, oriundos de polos culturais estrangeiros. Forjou, ele próprio, as matrizes de sua metodologia, toda ela construída dentro de uma cosmovisão de natureza interdisciplinar e na qual marcam presença todas as ciências sociais do seu tempo.

Foi com esse instrumental teorético, haurido em variadas fontes, que Gilberto elaborou seus esquemas conceptuais para, com eles, radiografar, como nenhum outro brasileiro, as raízes da nossa cultura. Mas, seu livro não é apenas o retrato inerte do Brasil, com que a linguagem denotativa da ciência costuma vestir os ensaios desse teor cultural. Nele, graças ao escritor primoroso e ao inspirado poeta que conviviam em Gilberto, floresce, a cada instante, "carregada de clarões e mistérios", a própria alma popular da nação.

O seu livro, por força desse milagre inevitável da vocação estética do Tolstoi de Apipucos, se engalana, igualmente, dos doces e capitosos eflúvios da arte, a encher as verdades científicas dos perfumes da poesia e dos sortilégios da prosa literária. E é ele próprio quem confessa, por ocasião dos seus oitenta anos, o imperativo desses condicionamentos estéticos, quase orgânicos, e, por isso mesmo, incontornáveis: "No meu caso, nasci, há oitenta anos, brasileiro. Produto em grande parte de já antigas raízes

brasileiras. De sangues já miscigenadamente brasileiros. Aprendendo a falar uma língua neolatina já abrasileirada, tropicalizada, africanizada, amerindianizada." E mais adiante: "E vendo talvez mais que outros meninos certos verdes, azuis, amarelos, roxos, alaranjados, tropicalmente brasileiros. Andando descalço por massapês, por outros barros, por areias de praia, por capinzais." Distinguindo, como ele ainda diz "cheiros de curral de cheiros de mel de açúcar a ferver em tachos de engenhos antigos." Era assim o nosso Gilberto, entranhadamente ecumênico pelos influxos de tantas raças, tantos costumes, tantas vidas passadas, a correr no seu sangue. Por isso mesmo era ele também telúrico como os cajueiros, as mangueiras, os bugaris e os gerânios do seu paradisíaco Apipucos.

E agora, com a sua morte, fica sendo eterno, para sempre eterno. Tal qual o seu livro "Casa Grande e Senzala", que é o poema imortal da brasilidade, essa brasilidade que um dia nasceu para o mundo nas velas brancas dos navios de Cabral.

DRUMMOND NÃO MORREU

Não sei bem o que dizer diante da evidência trágica da morte. Sobretudo quando ela desaba sobre pessoas que, por razões óbvias, não deveriam morrer. É o caso, por exemplo, do poeta Carlos Drummond de Andrade.

Esse "tabaréu" das Minas Gerais, que se aclimatou nos ares salgados e pecaminosos de Copacabana, não devia ter feito o que fez. Afinal de contas, por que deixar na orfandade dos momentos maiores da poesia esse pobre povo que nasceu **gauche**, que **gauche** tem vivido, e que, ao que parece, vai morrer **gauche** também?

E, agora, Drummond? Se a festa acabou, se a noite esfriou, se já não existe mulher, o que se há de fazer? O que se há de fazer, Drummond, se o próprio poeta também partiu? O poeta, exatamente o poeta que engravidou de utopias e de sonhos os céus cinzentos dessa noite de amarguras em que se transformou o Brasil.

Sinceramente, Drummond, isso não se faz. Era como se matar quem já estivesse quase morto, "sem riso, sem carinho, sem discurso, sem beber e sem fumar". Era como, Drummond, alguém se aproximar de um mendigo desgarrado, tremendo de frio e de fome, e dizer a ele, em plena solidão da noite, que o acendedor das auroras resolvera viajar e que não voltaria nunca.

Ora Drummond, isso parece demais. É preciso que você próprio dê

uma explicação. Não uma explicação qualquer, arranjada de última hora. O que se exige, aqui, é uma explicação cabal, completa, exaustiva, que esclareça essa decisão tresloucada que você tomou.

Isso é muito necessário, Drummond, porque, agora, ninguém tem mais dúvidas de que você morreu porque quis. Você morreu, poeta, de saudades de sua filha Julieta, que viajou, como se sabe, treze dias antes de você. É verdade, Drummond, que você não enganou ninguém. Foi você próprio quem anunciou que não escreveria mais. Que sua obra estava completa. Ora, Drummond, naturalmente que nas entrelinhas o aviso estava dado. Você iria embora, também.

Mas, ao invés disso, Drummond, por que não ter ficado um pouco mais? Você bem que poderia ter feito o que fez o pai de Iliuscha, aquele pobre menino doente dos "Irmãos Karamazov". Você se lembra, Drummond, do episódio? O pai de Iliuscha, como você sabe, ia todas as tardes ao cemitério da cidade onde morava e lá polvilhava de grãos de trigo a sepultura do filhinho para alimentar os pardais que ali existiam. Era um ritual que o velho mujique bêbado cumpria todos os domingos na companhia do pequeno Iliuscha, quando ele era vivo. E foi, exatamente, a pedido dele, feito antes de morrer, que esse ritual continuou.

Você, Drummond, bem que poderia ter feito uma opção semelhante. E, assim, todas as tardes você iria ao cemitério de São João Batista e lá, com todo o amor de pai que você sempre teve, recitaria versos tristes, ainda molhados da aurora e do mar, para sua filhinha Julieta. Com isso, Drummond, você ficaria ao mesmo tempo com ela e conosco. Como se diz, ao lado dos dois, de sua filha e do seu povo.

Mas, você não quis assim. E isso foi duro, Drummond, para todos nós. Você precisa ficar sabendo que, apesar do que disse seu poema, o povo não sumiu. O povo, o seu povo, continua junto de você e só não vai fazer o que você fez por uma razão muito simples. É que todos nós, Drummond, temos um compromisso com os seus versos. Com aqueles versos tristes que nasceram um dia, Drummond, no coração do menino de Itabira e que, por um milagre inexplicável, eram versos também que sempre existiram no coração maltratado do povo.

Eu acho que é por isso, Drummond, que já andam dizendo por aí que tudo foi mentira e que você não morreu.

SAUDADES DE JOÃO MEDEIROS

O último cinco de maio assinalou os dez anos da morte de João Medeiros.

A ausência de registro na imprensa me levou à reflexão de que o tempo, implacável e feroz, vai riscando pouco a pouco da memória dos vivos a lembrança dos mortos. Uma missa, rezada na catedral, juntou à família do saudoso médico alguns poucos amigos que lá compareceram.

Durante o ato religioso, no silêncio fecundo do templo, eu recordava João Medeiros, o anjo abnegado das crianças pobres da cidade, durante os longos dias de sua longa existência. E vários quadros, nítidos e tensos, se iam sucedendo, vivenciados pela memória, a repor o lutador incansável no palco iluminado da vida. Era o passado ressurgindo, limpo e silente, naqueles instantes de inefável doçura, a colorir de vida os campos penumbrosos da saudade. E eu o via, na grandeza de sua postura olímpica, sentado em seu birô, no modesto consultório da Praça 1817, a distribuir esperanças e consolo aos enfermos que o procuravam. Ou na Faculdade de Medicina, já próximo da morte, a anotar no quadro negro da classe, com a paciência de um escriba conventual, os assuntos que seriam objeto da aula do dia. Terminados os encargos de professor, dirigia-se ao Centro de Puericultura, apinhado de crianças carentes, e lá, numa pequena sala atravancada de livros e de remédios, ia recebendo, um a um, os anjinhos mulatos, oriundos das favelas da cidade, que buscavam junto às suas mãos milagrosas o refrigério da saúde.

Depois, no INPS, ou nas casas de sua imensa clientela particular, onde quer que se encontrasse, em dias santos ou feriados, João Medeiros era o mesmo — um soldado destemido e fanático da sua profissão de médico, a lutar aguerridamente contra as investidas da doença e da morte.

Médico de várias gerações na Paraíba, nunca transigiu, por comodidade ou omissão, com os seus deveres profissionais. Manteve-se fiel ao juramento que fizera ao titular-se, do primeiro ao último dia em que exerceu a medicina. Tinha pela profissão o amor que ilumina os crentes e a coragem que fortalece os mártires. As horas, que poderia ter reservado ao lazer, passava-as estudando, em luta perene e indormida, a forçar as portas da ciência, sempre ciosa dos seus segredos, para enriquecer o seu cabedal científico e com ele aperfeiçoar os instrumentos de sua luta contra a morte.

Finda a missa, ao sair da igreja, sob os ares lavados do mês de maio, olhei a cidade. O céu fusco, carregado de nuvens densas, dava à minha querida João Pessoa um inusitado aspecto de tristeza. Compreendi, então, que as cidades morrem um pouco quando perdem seus grandes filhos. E notei que João Pessoa, como eu, também sofria de saudades — saudades de João Medeiros.

ZÉ DA BANANA

A notícia infausta me chegou no sábado passado. Portanto, no dia seguinte ao de sua morte. Não recordo bem a pessoa que a deu. Lembro-me, apenas, da forma lacônica como ela foi dada no meio da rua.

– Sabe quem morreu? Zé da Banana.

– De que? Ainda perguntei, surpreso.

E a resposta, tão rápida quanto a notícia, saiu de raspão.

– Muitas complicações. Foi no HU, ontem à noite.

Ficamos sozinhos, eu e a notícia. Por um instante, um passado longínquo ressurgiu dentro de mim. Conheci Zé da Banana há coisa de trinta e cinco anos. A esse tempo, já engolfado em suculentas pesquisas filosóficas e históricas, Zé frequentava os grêmios literários da cidade, especialmente o **Prereira da Silva** , do qual foi presidente. Foi ali que nos conhecemos. Com o tempo, soube que Zé começara a estudar já velho. Teria seus trinta anos quando foi atacado pela **febre do saber** .

Como tudo aquilo tivera começo, ninguém sabe ao certo. Nas rodas boêmias daquela época se dizia que o **estalo de Vieira** de Zé se devera a duas pessoas: Manoel Cavalcanti e Messias Leite. É que ambos, o primeiro, professor de filosofia do Liceu Paraibano, e o segundo, intelectual aguerrido e aluno inteligente de Cavalcanti, costumavam "baixar" na barraca de Zé onde, durante horas seguidas, ficavam a debater temas filosóficos.

Zé tinha uma barraca no Mercado Central, bem pertinho da Lagoa do Parque Solon de Lucena. Vivia, ali, de pequenos negócios, entre eles o comércio da banana. Segundo soube depois, veio daí o apelido que conservou por toda a vida. Fora, exatamente, na modesta barraca de feira livre, que possuia, a escutar Messias e Cavalcanti discutindo Platão e Aristóteles que Zé encontrara, numa noite cheia de estrelas, o seu caminho de Damasco. E, ao encontrá-lo, tomara, ali mesmo, a decisão de desvendar, ele próprio, os mistérios escondidos da ciência. Nesse trabalho de Hércules, Zé gastaria a vida toda.

Iniciara o seu aprendizado, como se diz, de cima para baixo. Seus primeiros livros, como em geral acontece, não foram a "Crestomatia Portuguesa" de FTD nem as "Lições de Aritmética" de Trajano. Escolheria para iniciar, precisamente, os caminhos por onde os outros costumavam terminar. Os "Diálogos" de Platão e a "Metafísica" de Aristóteles teriam sido suas primeiras leituras. Depois, transfigurado por um sonho universalista, submergiria, perdidamente, no oceano revolto dos clássicos greco-romanos. Como um estranho Odisseu, desvairado pelos sortilégios dos encantos de Minerva, singraria sozinho as grandes epopéias da Antiguidade, a devassar os mares ignotos de Homero e deVergílio, de Dante e de Camões.

E, aos poucos, à luz de velas na água furtada onde morava, foi ingerindo, sem método nem medida, todo esse banquete de indigestas e perigosas iguarias que fizeram a grandeza dos nossos imortais antepassados.

Tinha o hábito de andar sempre sobraçando pesados infólios. Os maldizentes, de que vivem cheias as rodas intelectuais da província, começaram a difundir uma gozação, segundo a qual Zé era a maior **cultura axilar** da cidade. Apesar de temperamental e violento, Zé terminava perdoando seus detratores. Punha aquelas perfídias na conta dos ônus que teria de enfrentar por ser um intelectual também.

Apesar das flechas envenenadas do escárnio, inteiramente indiferente a tudo e a todos, Zé manteria os seus compromissos com o saber. Assumia, sem grande desgosto, o cacoete de deformar as palavras, tendo,certa feita, no grêmio Pereira da Silva, em noite de festa lítero-científica, trocado o nome do conferencista, folclorista **Neri Campelo**, para **Nero Camelo**, o que quase faz degenerar em tumulto aquela inesquecível sessão.

Como já disse, nada, entretanto, era suficientemente forte para abalar

a fidelidade de Zé ao saber. Em função disso, é que cursou o Supletivo e, posteriormente, obteve dois títulos universitários. Zé era, agora, duplamente bacharel — em História e em Direito.

Foi com esses títulos que Zé, no sábado passado, deixou a vida. Se alguma coisa nos for dado ver do outro mundo, é bem possível que Zé vá se sentir quitado com o seu destino nos próximos dias. E isso ocorrerá, exatamente, no momento em que ele próprio passar os olhos sobre os jornais da sua terra e se deparar com a seguinte publicação:

† CONVITE PARA MISSA DE 7º DIA
DR. JOSÉ GONÇALO DA SILVA

Era esse, aliás, o seu nome de batismo.

ZÉ DE JUDÍ

Era o nome dele. Filho de Judite, uma agregada da casa dos meus avós paternos, trabalhou conosco durante quase toda a vida. Com a morte do meu pai em 1969, resolveu acompanhar um irmão meu que pretendia se instalar no Maranhão e que de lá voltaria à Paraíba dois anos depois. Zé de Judí não retornou com ele.

Permaneceu nas terras úmidas e piscosas de Humberto de Campos por mais de dez anos, sempre dentro dos padrões de otimismo que nunca deixaram de ser o seu breviário existencial. Lá ficou até que um belo dia, com o corpo minado por uma doença atroz, veio à Paraíba. Voltou, certamente, para morrer aqui. Hoje eu sei que foi assim, mas esse fato ele nunca confessou a ninguém.

Ao encontrá-lo, alguns dias depois de sua chegada, com aquela cor terrosa que empalidece os portadores de câncer em estado avançado, disse-me que viera operar-se e que, logo após, conforme fosse, iria pegar os tarecos no Maranhão para mudar-se de vez. Uma semana depois fez a cirurgia. O médico, que o operou, encontrou seu organismo devastado pela doença, sendo, assim, escassa qualquer esperança de cura.

Cientes do desenlace inexorável para breve, os familiares levaram até seu quarto do Hospital Santa Isabel um padre que o ajudasse a preparar o espírito para a grande viagem que tinha de fazer. Recebeu o sacerdote de

Deus com a bonomia de sempre. Agradeceu-lhe a presença e aproveitou a ocasião para fazer-lhe uma confissão:

— Padre, eu lhe agradeço a boa intenção dessa visita mas quero lhe dizer uma coisa: As minhas contas "lá em cima" eu mesmo quero acertar. E pretendo fazer isso diretamente com o "Chefe", sem intermediários.

Dois dias depois, ele morreu. Fui ao seu velório e também o acompanhei até o cemitério. Deitado no caixão, um leve sorriso aflorando-lhe nos lábios, Zé de Judí parecia indiferente e folgazão diante dos mistérios que envolvem a morte.

Ao longo de sua vida, estudara muito pouco. Fizera uma peregrinação por várias escolas, inclusive pela escola correcional de Pindobal, para onde fora levado pelo pai. Dotado de uma inteligência brilhante, trouxe do berço mil e uma habilidades, todas elas presentes da natureza. Convivi com ele por três anos na cerâmica de meu pai. Recém-formado, com um horror quase físico à advocacia, fiquei por algum tempo ligado às atividades industriais que ali eram exercidas.

Na verdade, pouco aprendi dos misteres da arte gerencial, mas devo dizer que aprendi muito sobre a vida com Zé de Judí. Boêmio consciente, foi ele quem me chamou a atenção para o absurdo e o vazio de certos valores sociais. A sua vida, espontânea e quase gratuita, era pautada exatamente no sentido contrário de tudo aquilo que eu até então concebera como certo.

Costumava me dizer que um homem completo devia jogar, fumar, beber e gostar de mulheres. Era uma espécie de reencarnação do deus Dionisos, transfigurado, como o mito grego, por um sonho multicor de sensualismo existencial. Sensualismo sem peias nem limites. Viver para ele era consumir-se integralmente nas águas caricíosas de uma fonte de prazer permanente.

Não recordo de o ter encontrado pessimista um dia sequer. Quando algo andava mal, costumava dizer que não havia coisa melhor no mundo do que um dia atrás do outro com uma noite no meio. Isso resolvia tudo dentro do seu pragmatismo de vida. E foi assim, otimista e despreocupado, que gastou toda a sua existência. E, até na hora de morrer, foi também com indiferença que partiu para essa última viagem.

Amanhã é Dia de Finados. Um dia que é dedicado aos mortos. Um dia de tristeza e de saudades para todo mundo. Isso significa dizer que amanhã não é dia de **Zé de Judí**.

BOANERGES

Soube da morte de Boanerges, aqui mesmo no jornal "O Norte", por uma crônica de Gonzaga Rodrigues. Recluso em sua casa, a conviver com os incômodos achaques da velhice, o meu amigo Boanerges saíra de circulação há mais de cinco anos. Sua ausência das rodas do Cabo Branco e do Ponto Cem Réis, onde costumava passar todas as tardes, fora tão longa que muitos dos seus conhecidos pensavam que ele já tivesse morrido há alguns anos. O certo é que Boanerges estava vivo, mas, como se diz, vivo apenas para esperar a morte.

E foi isso exatamente o que aconteceu na semana que passou. Boanerges, convocado, foi juntar-se a quase toda a sua geração que, para usar a expressão machadiana, já se encontrava fazendo um curso de geologia na universidade do Senhor da Boa Sentença. Se outra vida existir, terá Boanerges sido recebido com muitas festas pelos inúmeros amigos que o precederam nessa nova jornada científica de estudos geológicos no campo santo.

Conheci o velho Boanerges, precisamente, há uns 40 anos, numa das matinês de carnaval do Clube Cabo Branco, na sua sede de Jaguaribe. Lembro-me, perfeitamente, da conversa que ele manteve com meu pai à sombra de um dos pés de fícus-benjamim que ali existia. Ao terminar a estória que contava, e cujo teor eu não entendera bem, meu pai explodiu numa gargalhada gostosa e espontânea e, batendo nas costas de Boanerges, se despediu dizendo:

— Boanerges, vou contar essa agora mesmo a Edmundo e a João Medeiros.

Daquele dia em diante, pela vida afora, sempre que encontrava Boanerges, a moldura que me aparecia na memória era aquela mesma, e eu via outra vez o galego desengonçado a contar, com muitos trejeitos, uma estória engraçada a meu pai. Com o tempo, ficamos amigos e eu passei a ser um dos seus ouvintes mais fiéis nos longos papos que ele se habituara a entreter com a sua numerosa platéia nas calçadas do clube Cabo Branco.

Boanerges, por vocação natural, tinha um modo todo especial de "ajeitar" as estórias do seu inesgotável repertório. Nas peripécias que contava de sua vida, nunca descobri a peçonha do rancor ou os laivos da frustração. Ele sempre me deu a impressão de uma pessoa em absoluta conciliação com os desencontros da existência, deles tirando todos os proveitos que eram capazes de oferecer.

Era um epicurista tropical, despreocupado e feliz, dando a quantos o conheciam a convicção de sentir um grande orgulho de estar participando do barulhento e contraditório mafuá do mundo.

Não recordo de tê-lo encontrado queixoso uma vez sequer. Ostentava, na face marcada pelo tempo, um riso, permanente e sadio, como se fora um estranho habitante de outro planeta em que se ignorassem o choro e as tiradas de autocompaixão que costumam estar presentes na vida do chamado planeta-terra.

Era assim o velho Boanerges, uma espécie de beduíno do deserto sertanejo, região que palmilhou com todos os requintes de um pesquisador cuidadoso. E, nessas andanças sem fim pelas terras do sertão, ia vasculhando e recolhendo uma miríade de estórias que passava adiante ao modo dos antigos menestréis da Idade Média.

De suas incríveis estórias, lembro-me de uma com que desejo fechar esse registro de sua morte. Estavamos, certa tarde, um grupo de amigos na calçada do Cabo Branco a falar de cavalos de corrida, quando ele tomou a palavra e passou a nos contar a seguinte estória: Morando na cidade do Espírito Santo, há muitos anos, fora chamado às pressas por um compadre para socorrer a sua mulher que passava mal. O fato é que a comadre de Boanerges entrara em trabalhos de parto e, apesar dos esforços da parteira que a assistia, não conseguira de forma nenhuma expelir a criança. Era pre-

ciso trazer, com a maior urgência, uma ambulância da capital para remover a parturiente em perigo de vida. Boanerges, que se orgulhava de possuir um fogoso cavalo de sela, por ele adquirido no sertão de Pernambuco, se prontificou imediatamente a cumprir a missão.

— Parti, dizia ele, com todos os diabos do inferno no couro disposto a chegar a João Pessoa o mais depressa que pudesse. Ao passar por Santa Rita, numa disparada de bala, notei que o cavalo estava resfolegando como uma locomotiva da **Great Western**. Mas não havia tempo a perder. Era preciso chegar de qualquer maneira e por isso me fiz na espora e na chibata para apressar ainda mais o pobre animal.

Nessa altura, ele parava, olhava o grupo de ouvintes e, com um certo suspense, arrematava a estória.

— Ao parar na porta do Pronto Socorro, depois de uma viagem de mais de 30 quilômetros, assim que me apeei da sela, o cavalo caiu fulminado nos meus pés. Ao tocar no bicho, notei que ele estava frio como uma barra de gelo. Aquilo me encabulou e, por isso, depois de providenciar a ida da ambulância para socorrer a comadre, chamei um amigo meu veterinário e pedi-lhe que examinasse o animal. Esse amigo, depois de feitos os exames, perguntou-me em que ponto da viagem o cavalo parara de resfolegar como uma locomotiva. Respondi-lhe que isso fora em Santa Rita, há duas horas de João Pessoa.

— Pois bem, disse-me o amigo, seu cavalo morreu lá, em Santa Rita, e no exato momento em que pararam os resfolêgos.

E, ovante, Boanerges concluía:

— Vejam vocês, a velocidade em que eu vinha era tão grande que, apesar do cavalo ter morrido em Santa Rita, eu só notei quando parei na porta do Pronto Socorro em João Pessoa.

E acrescentava:

— Só então é que eu pude compreender porque o cavalo estava tão frio quando caiu morto em meus pés.

A PAIXÃO DE EDUCAR

A educação tem sido, para certas pessoas, o motivo maior de suas próprias vidas. Levar a luz do saber às inteligências que desabrocham se reveste do sentido de uma missão que tangencia a santidade. Esse apostolado, ao mesmo tempo humano e divino, tem sido a semente salvadora da sofrida humanidade ao longo da história. Na antiga Grécia, como em Roma, os pedagogos eram reverenciados pelo povo e recebiam a proteção do Estado. A própria filosofia, que nasceu nos ares límpidos e lavados de Atenas, pode ser considerada uma conquista dos pedagogos. Foi ensinando aos jovens, em conversas intermináveis sob os céus da Grécia, que Sócrates armou os fundamentos de sua metodologia filosófica. Seus seguidores, Platão e Aristóteles, as duas grandes vertentes do pensamento ocidental, prosseguiriam a obra do mestre e, também ensinando, intuiriam seus respectivos sistemas que, ainda hoje, polarizam a atividade científica nesse sedutor campo do saber humano. A educação, a exemplo do que se disse da história, é a grande mestra da vida. Através dela, os caminhos da existência vão sendo iluminados pela transmissão da herança cultural da humanidade. Podemos dizer que ela começa no momento exato em que nascemos e só termina quando a morte nos fecha, em definitivo, as portas da vida. Todas essas reflexões vieram a propósito da morte, na semana que passou, da professora Daura Santiago Rangel. Ela passou sua existência ensinando, num contato permanente e diário com a juventude pessoense. O amor de educar transfigurou a sua vida, e lhe deu forças para uma atividade pedagógica que só se

encerrou com a sua morte. Durante seus oitenta anos de presença no mundo só fez uma coisa – ensinar. Por suas mãos milagrosas transitaram várias gerações. Muitos paraibanos ilustres, em todos os campos profissionais, receberam de D. Daura as primícias do aprendizado humanístico. E, com elas, um exemplo de responsabilidade e de retidão de caráter pouco comuns entre as pessoas. Não fui seu aluno em curso regular. A saudosa mestra ensinava no Lyceu e eu estudava no Pio X. Quando me transferi para aquele colégio do Estado, para cursar o "Clássico", já próximo do vestibular, não a tive como professora. Guardo, entretanto, dela uma recordação viva e uma gratidão, que não morre. No quarto ano do curso ginasial, no Pio X, senti aproximarem-se de mim as nuvens negras de uma reprovação. A matemática, que quase me envelhece precocemente, ameaçava os projetos do jovem estudante que sonhava ser bacharel em Direito. Não consegui, apesar dos esforços gigantescos que fiz, penetrar os segredos da ciência de Poincaré. E esbarrei, aturdido e desanimado, nos umbrais do templo abstrato das equações de segundo grau. Foi aí que apareceu, com sua varinha de condão, o meu anjo tutelar, abrindo-me o empedernido crânio às fórmulas vaporosas desse poema dos números. Esse irmão alado foi D. Daura. Saí do curso particular, que com ela fiz, dono absoluto daqueles complicados segredos matemáticos. E, por isso, me impus no colégio ao respeito do professor e à admiração reverente da turma. Passei a obter nota dez em todas as provas a que me submetia e fui, naqueles saudosos tempos, considerado um novo Pitágoras. Essa glória, passageira mas eterna, devo-a a D. Daura. Com o tempo, voltei a esquecer as chaves milagrosas que me abriram as portas das equações, mas nunca mais esqueci a mestra que as revelou a mim. A emoção e o prazer da vitória ficaram selados no baú de lembranças proustianas que todos temos guardado e, em mim, quando afloram em episódios corriqueiros da vida, me fazem sentir outra vez um Pitágoras, agora em recesso, mas nunca inferior ao sábio grego.

Quantas histórias, como essa, poderiam ser contadas por outros? Quantos, como eu, percorrendo os caminhos cinzentos da maturidade, não devem a D. Daura as luzes de uma descoberta gratificante? Por isso, eu acho que D. Daura não morreu. Ela viverá, ainda, por muito tempo, impregnando com a sua presença as lembranças de seus muitos alunos.

A cidade de João Pessoa, agora, está mais triste e mais vazia com a viagem inesperada da mestra.

JOSÉ AMÉRICO – DOIS EPISÓDIOS

I

A Paraíba celebra, com merecidas festas, o centenário do maior de seus filhos – o ministro José Américo. As comemorações, iniciadas em Areia, no último domingo, continuarão por todo o ano de 87. Vários órgãos, ligados à cultura, à frente a fundação que traz o seu nome, somam esforços na elaboração de um programa à altura do saudoso homenageado. Sua fortuna crítica vem sendo enriquecida cada ano que passa. A sua obra literária e a sua atuação na cena política brasileira, campos em que se destacou ao longo de sua fecunda existência, vêm sendo pesquisadas por figuras exponenciais de nosso mundo intelectual. Aos poucos, como um milagre do próprio tempo, vai sendo montada, peça a peça, a biografia triunfal da mais rica expressão humana que tivemos na vasta galeria dos nossos grandes homens do passado. Conheci José Américo; pessoalmente, nos idos de 58. Fui seu companheiro de caravana política ao sertão. Em três modestos carros alugados, capitaneados por João Agripino, nos embrenhamos sertão adentro em pregação cívica. Testemunhei dois episódios que permaneceram intactos e vivos em minha memória, ao longo dos anos. A campanha política estava acirrada, beirando o clima de guerra e, não raro, nossos comícios eram perturbados pelos partidários do senador Rui Carneiro. O primeiro incidente grave ocorreu em Livramento, distri-

to, nessa época, do município de Taperoá. A concentração popular, que ali fizemos, quase degenerou em luta fratricida. Desde o início do ato público que aparteantes, todos eles do partido adversário, ameaçavam a tranquilidade da nossa pregação. Os oradores, que se sucediam na tribuna, eram xingados por uma malta de desordeiros que se infiltrara no comício. Apelamos para o juiz da comarca, Dr. Hermilo Ximenes, no sentido de nos garantir o direito de falar. O magistrado, homem probo e sério, convocou o destacamento policial e ordenou ao sargento que o comandava que mantivesse a ordem, retirando do comício os baderneiros que causavam alvoroço. Presenciei os entendimentos do juiz com o sargento. O militar, indisciplinado e atrevido, disse ao juiz que nada faria sem determinação do prefeito. Acontece que era exatamente o prefeito quem estimulava a desordem. O juiz, desautorado, testemunhou a rebeldia da polícia e abandonou a comarca. Os ânimos começaram a azedar-se ainda mais. A troca de palavrões ganhou altura e alguns caravaneiros, mais comedidos e mais sensatos, abandonaram o palanque. Ficamos lá eu, Egídio Madruga, João Agripino e José Américo. O ministro, de semblante fechado, não dava mostras de fraqueza. Acusado pelo prefeito Mandú Farias de ter traído o PSD , como já traíra a UDN , José Américo explodiu. Guardei nos desvãos da memória a resposta contundente:

— "Traidor, Mandú Farias, é o teu chefe, José Ribeiro, que andou lambendo-me os pés quando fui governador em troca de algumas migalhas do poder; Traidor, Mandú Farias, é o chefe do teu chefe, o senador Rui Carneiro, a quem tudo dei na vida pública e, hoje, como um cão hidrófobo, ingrato e raivoso, vem morder-me os calcanhares; Traidor, Mandú Farias, é Argemiro de Figueiredo, que se esmerou como ninguém na arte de trair e a quem não chamo de Judas para não nodoar o nome do homem que traiu Cristo; Traidor, Mandú Farias, és tu, prefeito desonesto e incapaz, que enganou o povo nobre de Taperoá, empobrecido, hoje, graças à tua ruinosa administração, que te transformou, sem licença de ninguém, em sócio majoritário dos cofres da prefeitura". Fez-se um silêncio dramático. Esperei uma saraivada de tiros. Em instantes, os sertanejos prorromperam em aplausos e em vivas. Os arruaceiros do prefeito foram se retirando. A guerra estava ganha graças à coragem do intimorato varão de Plutarco do brejo areiense.

JOSÉ AMÉRICO – DOIS EPISÓDIOS

II

Depois dos sérios incidentes de Taperoá, seguimos viagem. Dois comícios programados para Souza e Pombal foram realizados. Em ambos, pequenos tumultos sem maiores consequências. O sertão estava seco e quente. Só o verde das oiticicas e os espasmos amarelos dos paus-d'arco atestavam a presença da vida na paisagem cinzenta. José Américo revia um cenário que emoldurara toda a sua existência. Em cada região, por onde passávamos, ele ia identificando um benefício que trouxera ao sertão durante os muitos anos em que exercera o poder. A caravana parou no Brejo das Freiras para um descanso de três dias. Integravam, ainda, a comitiva, o ministro Ernani Sátyro, então deputado federal, Dr. Duquinha, o acadêmico Flaviano Ribeiro Coutinho e João Agrpino Filho. No remanso das águas termais do Brejo, em longas conversas no espaçoso alpendre do hotel, comecei a conhecer mais de perto o inolvidável escritor. A figura mítica, que eu admirava à distância, perdia os contornos monumentais que a imaginação do adolescente lhe incorporara, e aparecia, agora, com aquela simplicidade e aquela mansuetude que sempre caracterizaram os grandes homens. Falava baixo e pausado, como quem não conhecia a pressa. Aproveitando a ocasião, abordei-o sobre sua obra. Interpelei-o, ainda, sobre a sua formação literária e pedi-lhe opiniões a respeito de escritores e intelectuais brasi-

leiros. As respostas fluiam calmas e retilíneas, sem complicações nem rebuçamentos. Confessou-me seu débito irresgatável com Camilo e com Machado, sobretudo com o último. Contou-me episódios de sua convivência com José Lins e elogiou Graciliano. Considerava Jorge Amado um grande romancista, mas com derramamentos que não sintonizavam com o seu gosto. Sobre os dois Gilbertos — o Amado e o Freyre — teceu considerações frugais. O primeiro não o seduzia. Como memorialista deixava muito a desejar, principalmente pela inverosimilhança de alguns acontecimentos por ele narrados. Foram dias inesquecíveis aqueles. Refeitos do cansaço, reiniciamos a peregrinação política. Cajazeiras, Bonito de Santa Fé e alguns distritos cujos nomes não gravei. Na volta, paramos em Juazeirinho para a última concentração da viagem. Ali ocorreu o segundo episódio a que me referi. O município era dominado pela família Marinheiro, detentora tradicional do comando político daquela comuna interiorana. A noite estava insuportavelmente abafada. O céu, sem nuvens, era um imenso rendilhado de pontos luminosos. A lua cheia, bela e solitária, era um convite irrecusável aos descantes da viola sertaneja. Já no palanque, sob o estridor do foguetório, a ala feminina cantava os hinos da campanha. Todo esse cenário sedutor, entretecido pelo calor dos corações humanos e pelos sortilégios da natureza, vibrava na alma de José Américo que, inspirado, fez um dos seus mais belos discursos da nossa excursão eleitoral. Recordava sua passagem pelo Ministério da Viação por duas vezes. Lembrava os socorros que trouxera aos irmãos sertanejos, tantas e tantas vezes, ao longo de sua vida, quando sobre eles se abatia o flagelo das secas. O clima era de emoção e de paz. Quando menos se esperava, irrompeu um alarido a poucos metros de distância do palanque. Um grupo de 20 pessoas, no máximo, abrigadas pela escuridão de uma árvore de frondosa copa, vociferava apodos e calúnias contra o ministro. Surpreso, parou o discurso, e alongou os olhos míopes buscando identificar os agressores. Não podendo vê-los, ocultos que estavam nas sombras da árvore, perguntou se alguém do palanque sabia de quem se tratava. Uma voz, vinda de trás, denunciou:

— São os Marinheiro, ministro.

Com o microfone na mão, um ligeiro rilhar de dentes, aguardou que o barulho cessasse. Reinstalado o silêncio, sob a tensa comoção da platéia revoltada, com a voz meio embargada, investiu decidido e seguro:

— "Marinheiros, que não conhecem o mar. Marinheiros das curtas navegações do suborno e da traição nos pântanos metálicos das empreiteiras do candidato adversário. Marinheiros bisonhos que nunca aprenderam a pescar; Marinheiros amaldiçoados que, até hoje, só lançaram suas redes nas águas turvas da corrupção das secas". E por aí se foi, como um ciclone indomável. Aquela reação, pronta e vigorosa, calou os insultos. Os agressores, surpreendidos, emudeceram e, aos poucos, a calma retomou o seu lugar. O comício prosseguiu sem novas perturbações e terminou em paz. Dali, sob a proteção dos céus limpos do sertão, cheios de orgulho do nosso candidato, viajamos para Campina Grande onde pernoitamos.

TEMPOS DA PRAIA DO POÇO

Raul Carvalho é uma das mais vivas lembranças desse tempo. Meu pai, a exemplo de Pedro Campos, Chico Canguito e tantos outros se afreguesara na locação de uma das casas de Raul durante o veraneio. O velho patriarca, dono dos amplos domínios do lado norte da praia, vivia entronizado na primeira casa, localizada à beira-mar, que marcava, aliás, os limites do seu império. Sempre deitado numa rede branca, de amplas varandas, com a postura de um poderoso césar, Raul Carvalho recebia a devoção de duas mulheres, que se revezavam infatigáveis para que nada lhe faltasse: sua esposa, Leonor, e Cesarina, amiga dedicada, que com ele morou durante toda a vida.

Suas rendas provinham do aluguel de suas casas e de um imenso sítio de coqueiros que se alastrava até o limite da mata de cajueiros. Segundo me diziam, nunca havia trabalhado para ninguém. Possuía, ainda, uma canoa e dois currais de peixes. Um deles, levantado nas proximidades dos arrecifes, sempre me pareceu um lugar perigoso, esconderijo dos grandes peixes do mar alto. Apesar das nossas conversas esporádicas, sempre em clima de cordialidade, nutria pelo velho Raul um sentimento em que o medo e a admiração se misturavam. Sua voz cavernosa, fruto de um tabagismo desenfreado e antigo, me causava temores difusos. Soubera por meu pai que ele gostava de brigar e, com amigos da boemia, desbaratara, várias ve-

zes, a socos, os valentões de Pernambuco que baixavam nos cabarés de João Pessoa.

Tudo isso predispunha a minha imaginação para construir a figura lendária do velho Raul, que ainda hoje vive em mim. Bem próximo de sua casa ficava o Bar de Nêga, uma modesta pensão, coberta de palha, dirigida por uma preta quituteira do mais amorável coração. Nêga vivia cercada de agregadas, quase todas aparentadas de Das Dôres, uma mulher idosa que a ajudava a gerenciar a pensão. Foi lá, no doce convívio do peixe frito com cerveja, que conheci as filhas do jornalista Delfino Costa, todas elas bonitas e simpáticas, e responsáveis, também, por um toque de beleza humana na vasta solidão primitiva da praia. Junto ao bar de Nêga, erguia-se a pequena igreja de Nossa Senhora de Nazaré.

A humílde capela se abria raramente para os ofícios do culto de Deus. Duas vezes, apenas, durante o ano isso acontecia. No Natal, para a Missa do Galo, rezada à meia-noite, e na data consagrada à santa que lhe dera o nome. Neste dia, sob a direção de uma comissão organizadora, fazia-se uma procissão em louvor de Nossa Senhora com a participação de todos os veranistas e de todos os praieiros. Foi, exatamente, num desses dias, nos longinquos anos 40, que apareceu em minha vida a segunda deusa encantada, das muitas que povoaram minha infância. Ainda hoje, quando fecho os olhos, diviso, como se sonhasse, o seu vestido vermelho, da cor do poente, a incendiar os corações e as brisas do mar. Ao vê-la pela primeira vez, pareceu-me uma criatura de conto de fadas, como se tivesse vindo de outros mundos, quem sabe, dos castelos de coral que existiam nas bordas dos arrecifes, sempre acompanhada de peixinhos multicores a seduzir os homens com o seu feitiço de sereia encantada.

E, ainda hoje, em certos momentos de saudade, continuo a vê-la, em meio à procissão de Nossa Senhora, enterrando os pés nas areias brancas da praia, e motivando, sem querer, os primeiros pecados do menino solitário e sonhador que, sem poder afastar os olhos dela, esquecia a santa a quem tinha ido homenagear. A festa religiosa terminava sempre em foguetório e em sermão.

TIBIRI – A MORTE DO IRMÃO MAIS VELHO

Morávamos na rua Nova, hoje Gal. Osório, em uma casa geminada, que meu pai alugara para que nós pudessemos estudar. A vida ali era calma e corria sem maiores novidades. A velha igreja de São Bento, com o seu galo negro na torre, e a Catedral Metropolitana, magestosa e solitária, com seu imenso pátio, davam à nossa rua um destaque especial na pequena e modesta cidade de João Pessoa, nos idos de 45. Meu irmão mais velho adoecera gravemente e nossa casa, até então envolvida por uma doce e pachorrenta rotina, foi invadida, de súbito, por uma inusitada agitação. Meu pai, que vivia em Tibiri, o engenho que herdara do meu avô, passou a morar conosco. Os exames médicos, as visitas, os horários dos remédios, todo esse frenesi que emoldura os lares onde o desespero se instala, quebrou o ritmo de paz em que havia caminhado a minha vida até então. O desenlace não demorou. Apesar da dedicação profissional do meu padrinho e nosso médico, João Medeiros, vinte dias após adoecer meu irmão morreria. A morte dele marcou, para sempre, um período de minha infância. Tinha, apenas, quatorze anos e, sendo o primeiro da estirpe, gozava de certos privilégios de afeição. Durante os dias da doença, que o levou, não percebi as nuvens negras que se adensavam no nosso horizonte familiar. Morreu no dia 12 de maio, de manhãzinha. Acordara inquieto, muito pálido e magrinho, na cama que fora instalada na nossa sala de jantar. O médico fora cha-

mado e havia no ar doméstico sinais de alguma desgraça iminente. Minha mãe, inconsolável, fora transportada para a casa de um tio nosso, localizada na rua das Trincheiras.

Pedira, ela própria, para sair, pois não queria assistir à morte do filho. Recordo, ainda hoje, todos os lances do desenlace. Foi rápido e simples, como no poema de Vinícius. Um breve e ansiado suspiro sob a luz de uma vela. Depois a fisionomia repousada, tranquila e indiferente, um leve sorriso aflorando-lhe no rosto. Todos nós em volta da cama sob o olhar triste de Santa Terezinha, sua madrinha e protetora.

A chegada de meu pai, momentos depois, me deixou impressões imperecíveis. O desespero e a dor que vi no seu rosto, na sua voz, nas suas mãos, me pareceram um desmoronamento total. Ajoelhado junto à cama, enlaçando com os braços e o rosto os pés de meu irmão, meu pai chorava desesperadamente, como se houvesse enlouquecido. Depois de algum tempo os parentes foram chegando, trazendo flores e abraços de pêsames, e a tragédia que se abatera sobre nós começava a criar uma aparência de normalidade. Era a normalidade absurda da desgraça, que também tem suas regras, e que eu desconhecia.

Guardo, ainda, na memória o caixão azul, afogado de flores, brancas, vermelhas, amarelas, aljofradas ainda das madrugadas de Tibiri, o nosso engenho, e que foram trazidas para engalanar a última viagem do irmãozinho. As conversas, a bênção da Igreja e o cortejo fúnebre permanecem como lembranças vivas, que não morrem.

Da janela alta da casa, ao lado de Dedé e de Tatá, duas agregadas da família, olhei, pela última vez, o meu irmão que ia embora, tão moço, para nunca mais voltar.

— Trinta e três carros, comentava Dedé, com certo orgulho, envaidecida com aquela demonstração de prestígio social da família.

A morte de Silvio coincidiu com o término da II Guerra Mundial. O armisticio fôra assinado e as comemorações espoucavam em todos os recantos do mundo.

Na rua Nova, onde velávamos meu irmão, uma multidão em passeata festejava a vitória aliada. Os cânticos da vida faziam contraponto com os lamentos da morte, me ensinando cedo que era esse o jogo da existência, e mostrando-me que a morte de meu irmão não era suficiente para apagar a

onda de felicidade que descia sobre o mundo com o término da guerra. A vida fluia, assim, num quadro de contrastes, entre risos de uns e lágrimas de outros, exatamente como na quadrinha que meu pai gostava de declamar sobre o destino das flores:

"Até nas flores se encontra,
A diferença da sorte,
Umas enfeitam a vida
Outras enfeitam a morte".

Hoje, passados 41 anos, o episódio da morte do meu irmão permanece intacto. E todas às vezes, que o relembro, é como se estivesse vivenciando outra vez todos os lances daquele dia de dor, gravado para sempre em lembranças de fogo, que até agora não morreram.

TEMPOS DO RECIFE – I

Cheguei ao Recife para fazer o vestibular. Tinha, então, 17 anos e morei, inicialmente, na pensão do padre Abranches, a famosa Ada, antigo dormitório dos internos do Colégio Nóbrega. As recomendações de meu pai ao jesuíta, que dirigia o pensionato, foram rigorosas. Fiquei, assim, nas primícias do meu viver recifense, vigiado drásticamente e submetido a horários de quartel. Apesar do rigoroso patrulhamento, que me cerceava os passos, descobri, com o auxílio de outros colegas, a forma de burlar o regime carcerário que me impunham. Aprendi a escalar o imenso muro que cercava o vasto acampamento de mais de cem estudantes e, quando necessário, servia-me dessa habilidade para contornar as ordens inquisitoriais que me confinavam na minha escravidão. Nessas fugas, as primeiras de tantas outras que viriam depois pela vida afora, fui devassando, como um experimentado batedor da floresta tropical, os muitos caminhos da noite pecaminosa da cidade de Gilberto Freyre. Datam daí os passeios intermináveis pelo cais do Apolo até alta madrugada, a olhar os navios adormecidos dentro da noite, sempre sonhando com partidas para terras distantes. Muitas vezes, surpreendi, ali, a alvorada, a tingir de vermelho as águas azuis e verdes do Atlântico, e sempre era o sol, uma imensa bola de fogo, a incendiar a linha do horizonte, que me avisava que já era hora de voltar à prisão da

rua do Príncipe, onde ficava minha pensão. As obrigações do exame vestibular me tomavam algum tempo. Durante a semana, revezava as horas entre o latim, o português e o francês. Quanto às demais matérias, integrantes do curriculo, não me preocupavam. O colégio que frequentava, com o nome ilustre de Joaquim Nabuco, o grande escritor e político abolicionista de Pernambuco, não primava pelas exigências nos exames, tão comuns nos educandários onde estudara antes. Foi lá, no Joaquim Nabuco, que conheci a singular figura da prova por procuração. Mais tarde, já na Faculdade, eu também representaria alguns amigos nos exames orais de português e de história no colégio Carneiro Leão. O Recife dos meus anos acadêmicos era uma cidade adorável. Quantas vezes, à falta de dinheiro para lazeres mais requintados, meus sábados e domingos não se impregnaram das belezas do centro da cidade, com as suas pontes e as suas ilhas, cercadas pelos mangues, todas a engalanar o curso do velho Capibaribe que ali chega do sertão, cansado e triste. Ficava, às vezes, na rua da Aurora, a divisar a silhueta da fortaleza do Brum, plantada entre o rio e o mar, a lembrar as muitas glórias do passado do indomável **Leão do Norte**. A velha casamata cruzara os caminhos de minha família. Nela, o meu bisavô paterno estivera preso, por longos oito meses, no início do império brasileiro. Dali eu saía, sempre a pé, para a sorveteria Sertã, bem próxima do bar Savoy, a tebaida do poeta Carlos Penna Filho, de Virginius da Gama e Melo e do professor Mac Dowel de Castro. Em muitas ocasiões, eu faria sozinho esses passeios, sem nenhum companheiro, sem ninguém para interromper esse contato afetivo com a cidade e, juntos, eu e ela, seguíamos aconchegados para a solidão intemporal do mundo. Fui descobrindo o Recife aos poucos, bebendo-lhe os encantos com a parcimônia de um avarento que demora e demora ao contar o seu dinheiro. Com o tempo, fui criando predileção por determinados itinerários, que passaram a ser constantemente palmilhados pelo estudante sonhador e solitário. São dessa época algumas amizades que durante a vida só fizeram crescer. Flaviano Ribeiro, Messias Leite, Ubirajara Botto, os quais, como diria Machado, tão cedo resolveram estudar arqueologia no campo santo. Mesmo assim, arrebatados para sempre do meu convívio, continuam sendo substância de um passado que se petrificou, inteiriço e imóvel, no universo de minhas lembranças. Outros companheiros se perderam no vasto oceano dos caminhos humanos. Deles

não tive mais *notícias* e nem sequer sei se ainda vivem. Mas, por um milagre que só a memória humana sabe operar, ressurgem todos, joviais e barulhentos, a encher de sons de alegria os espaços verdes de **Dois Irmãos** e de **Apipucos**, recantos paradisíacos onde consumimos muitas tardes de boemia. Ou aparecem, sentados em alguma modesta tasca do Jardim Treze de Maio, a discutir, acalorados e veementes, as muitas filosofias que constelaram os céus de nossa vida acadêmica. Também no Pina, sob os sortilégios das mulheres da noite, envolvidos pelos perfumes do mar, lá estão eles a recitar Castro Alves, Fernando Pessoa, Beaudelaire, recitações incansáveis que se prolongavam tantas vezes até a alvorada. Anos mais tarde, confirmaria com Ortega y Gasset uma verdade já descoberta na juventude. É que nós, que tanto falamos em futuro, somos, apenas, nosso passado. Por isso, qualquer reencontro que quisermos ter com a nossa vida será lá, no longinquo passado de todos nós — uma espécie de cofre a guardar os tesouros de nossa existência.

TEMPOS DO RECIFE – II

Aprovado no vestibular, fui investido na condição de acadêmico e, por isso, comecei a usufruir de regalias até então vedadas a mim. A mais gratificante de todas foi a permissão paterna de ter, eu mesmo, o direito de eleger o lugar em que devia morar. A condescendência de meu pai, alvissareira e oportuna, me livraria da escravidão da Ada, onde vivera até então sob a tirania do padre Abranches. E me abria, também, as janelas do prazer maior de escolher uma das muitas pensões de estudantes, que enchiam o Recife daquele tempo. Morei em várias, espalhadas todas no coração da cidade, no parque 13 de Maio, na rua da Aurora, na rua do Hospício. De algumas, saí, tempos depois, voluntariamente. De outras, fui expulso "a bem da moral e da ordem", por participar de badernas e tropelias. Datam dessa época diversas relações de amizade que fiz com paraibanos e riograndenses do norte.. Clemenceau, Sílvio Torres, Almir Carneiro, Edvaldo Leite, Hermilo Ximenes, Wolflang e tantos mais, uns sérios e decentes, bem comportados, gente de família, outros encapetados e barulhentos, e que foram comparsas das molecagens e estripulias que marcaram esse período de minha vida. Havia um, **primus inter pares**, que bateu todos os recordes de despejo forçado nos pensionatos do Recife. Terminou não tendo mais onde dormir. Passava o dia na Faculdade, andando ao léu, sempre acompanhado de sua maletinha preta, onde se acomodavam, entre outros utensílios, um

travesseiro e um lençol usados à noite, para aconchego do sono, num dos inúmeros bancos da Praça 13 de Maio, praça que circundava o velho **casarão de Tobias**. Nessa época, vencidas as obrigações escolares, o resto do tempo era dedicado aos salutares lazeres da boemia. Conheci todos os botecos da cidade, pois era lá que se reunia a "turma" quase diariamente, para os papos intermináveis sobre os mais variados assuntos. Messias Leite, outro colega, um tanto mais velho do que nós, exercia sobre todos uma disciplina quase férrea. Ascendera, por seus méritos, na hierarquia intelectual do grupo. Isso o autorizava a ditar as leituras que devíamos fazer. Quando dele divergíamos, o que era raro, nos destroçava sem piedade com o peso dos seus poderosos argumentos. Era um líder incontestado e não tinha contemplação com ninguém. Quando julgava necessário, insultava os vivos e os mortos e, depois da décima cerveja, passava a falar em alemão ou em inglês, recitando os poetas de sua predileção. Gostava de Allan Poe, de Goethe, de Dante, de Homero e de Camões. Aprendera de cor muitos versos da "Divina Comédia", o grande poema da cristandade e, quando queria nos humilhar, por considerar que éramos incapazes de assimilar qualquer coisa, repetia, sempre em italiano, a inscrição que encimava a porta do inferno dantesco — "**Lasciate ogni speranza ó voi qui entrate**". Sabia, também, decoradas, muitas estrofes dos Lusíadas e, muito tempo depois, ao fazer eu uma leitura meditada do imortal poema de Camões, não consegui afastar-me da servidão intelectual a que me submetera Messias. Assim, por coincidência ou não, os episódios que Messias mais admirava no poema do genial português viriam a ser exatamente os mesmos que, anos mais tarde, exerceriam sobre mim os feitiços de uma predileção que ainda hoje perdura. Os versos, que aprendi dos Lusíadas, e que, ainda hoje, me enchem de emoção, foram aqueles mesmos que ouvi de Messias nas tertúlias noturnas do Recife e que continuam, trinta anos depois, a enfunar as velas do meu **navêgo existencial** no mundo da poesia. **Navêgo** que se fez nos mares procelosos que tenho enfrentado na vida, desde que descambei "inda além da Taprobana", nessa viagem deliciosa da existência, em que somos conduzidos nas velas da esperança, "prosperamente os ventos assoprando". Devo a ele o primeiro contato intelectual com Euclides da Cunha, com Gilberto Freyre e com Augusto dos Anjos, sobretudo esses três, que nunca estiveram ausentes das longas conversas que entretinhamos na noite da cidade

mauricéia. "Casa Grande e Senzala" e "Os Sertões", assim como "O Eu", seriam as bíblias desse meu noviciado no mundo encantado das letras, no qual imergi para todo o sempre, guiado, nas suas primícias, pelas mãos do meu inesquecível colega Messias Leite. Dono de um vocabulário invejável e pernóstico, adquirido na leitura dos dicionários, quem sabe, em obediência ao antigo conselho de Gautier, Messias foi, também, o responsável pelo gosto da palavra difícil, da frase repolhuda, das acrobacias verbais, que marcaram meu estilo nos anos da mocidade. Estou a vê-lo, recitando trechos de "Os Sertões", enchendo os espaços pequenos da tasca, às margens do Capibaribe, com o discurso sofisticado e pedante de Euclides, logo enriquecendo-o, num climax de exaltação gongórica, com a terminologia científica e estrambótica da poesia de Augusto dos Anjos. Ao redor dele, como se ouvíssemos um novo profeta dos trópicos, submissos e atentos, nós outros nos quedávamos, enleiados por aquela logorréia sem fim, que salpicava de palavras esdrúxulas a bela, a límpida, a suave e encantadora noite recifense.

TEMPOS DO RECIFE – III

O primeiro ano de estudos na Faculdade foi de reconhecimento de terreno. A velha **casa de Tobias** andava agitada. A morte do estudante Demócrito de Souza Filho, na Praça do Diário de Pernambuco, apesar de já passados 5 anos, continuava a aquecer o idealismo acadêmico. Demócrito, imolado pelos esbirros da ditadura agonizante, simbolizava a liberdade conquistada e umedecida com o sangue da juventude. Havia, naquele tempo, um verdadeiro culto em memória do inditoso estudante. Os comunistas, por sua vez, postos na ilegalidade pelo governo Dutra, continuavam a sua luta na sombra da clandestinidade. Agamenon Magalhães morrera. Seu enterro, que lembrava as pompas do regime decaído, passou pela Faculdade, onde o corpo foi velado. Vinha conduzido num carro militar e seguido de grande acompanhamento.O antigo professor de Direito Constitucional foi alvo das homenagens dos docentes da Escola. Tudo aquilo enchia de novidade e de suspense os primeiros contactos do **cascabulho** da Paraíba com a vida universitária. Desse tempo, ao longo dos anos que lá passei,guardo duas recordações indeléveis.A primeira,que me traria alguns dissabores no âmbito da família, foi meu ingresso na Juventude Comunista. Apesar de desaconselhado por Messias, uma espécie de gurú intelectual do meu grupo, decidi viver essa inefável experiência.

Hoje sei que sempre vivenciei o lado romântico da ideologia de Marx.

Aos 18 anos, todos trazemos o coração incontaminado e puro. A luta em favor dos mais pobres, cercada das cautelas que a clandestinidade da ação partidária exigia, me investia de uma felicidade indescritível, sempre envolta em mistérios e em sortilégios sedutores. A "célula" de que fazia parte se reunia uma vez por semana. O local escolhido — a sala Rui Barbosa — ficava na biblioteca da própria Faculdade. Isso nos garantia uma certa tranquilidade, pois dificilmente a polícia de Etelvino Lins, que sucedera Agamenon no governo de Pernambuco, teria coragem de vulnerar o espaço sagrado do **Templo de Tobias**. Minha permanência na militância partidária do P C B, foi curta. Predominava, na época, a chamada linha dura. Aquele que divergisse da orientação imposta era excluído. O nosso orientador, designado pelo **Comitê Central**, era um sujeito intransigente e agressivo. As nossas reuniões transcorriam em clima tenso, sempre intercaladas de incidentes, que decorriam, em geral, da postura inamistosa e prepotente do orientador.

A gota d'água não custaria a chegar. O motivo, que hoje me faz rir, se prendeu a uma campanha financeira do partido. Fui convocado, com os demais membros da "célula", para jornadas nos bairros. Devíamos, aos sábados e domingos, varejar os subúrbios recifenses para distribuir o jornal "A Folha do Povo" e angariar recursos. Recusei-me a cumprir a tarefa. Outros me acompanharam. O orientador, que nunca mais vi, nos acusou de burgueses preconceituosos, inimigos da revolução proletária, e sem mais nem menos extinguiu a "célula". Hoje sei que se tratou de uma tática, adotada pelo partido. Evitava-se, assim, as delações dos descontentes, que punham em risco o trabalho que era desenvolvido nas sombras da ilegalidade. Mesmo assim, prossegui em meus estudos marcistas. Lia Marx, Engels, Plekhanov e outros.

O grupo socialista de que fazia parte continuou existindo. Afastado da militância, imergi em leituras que deveriam marcar-me para o resto dos tempos. Devo dizer que nunca fui tão feliz. A posse das novas idéias me deixava em estado de graça e, não raro, me imaginava, como Lênin, Stalin, Mao Tsé Tung, um dos construtores de um novo mundo. Na Faculdade, alguns docentes alimentavam a chama revolucionária. O principal deles era Pinto Ferreira, lente de Direito Constitucional, àquele tempo, aureolado pela fama de um dos mais célebres concursos de cátedra já havidos na escola.

TEMPOS DO RECIFE IV

Na Faculdade, onde passava o dia inteirio, fui conhecendo, aos poucos, alunos e professores. Soriano Neto, que se considerava o maior civilista do Brasil, baixo e nervoso, se comprazia, durante as aulas dessa matéria, em apontar os "erros" de Clóvis Beviláqua. O ressentimento com o autor do Código Civil Brasileiro, sem dúvida nenhuma o mais brilhante civilista deste país até hoje, advinha do seu complexo de inferioridade, que terminou por rebentar as barreiras do silêncio, impelindo-o, inclusive, para a mistificação autoconsagradora. Os seus fervorosos devotos, que não eram muitos,anunciavam um suposto "Tratado de Direito Privado",feito por Soriano, e pronto para a publicação. Soriano morreu vários anos depois e esse seu "tratado" até hoje não apareceu. Não se pode negar que ele mantinha uma certa ascendência sobre o corpo docente da Escola, integrado naquela época por diversos ex-alunos seus. Entre eles, como já assinalei, se destacava Pinto Ferreira. Muito moço, apaixonado como Tobias Barreto pela lingua alemã — cacoete que se perpetuaria entre os professores da velha Faculdade — Pinto Ferreira citava de memória, nas suas monótonas aulas, páginas inteiras dos autores tedescos de sua predileção.

Pretendia, a exemplo de outros intelectuais do Recife, ser gurú de um grupo que lhe afofasse a vaidade e lhe propalasse o nome famoso. A essa

época, o Recife culto gravitava em torno de Gilberto Freyre. O **sociólogo de Apipucos**, com uma vasta obra publicada, exercia uma enorme sedução sobre a vanguarda acadêmica. Costumava receber, aos sábados e domingos, na sua casa senhorial de **Dois Irmãos**, os estudantes universitários. Compareci algumas vezes a essas tertúlias, onde eram servidos café e chá, de mistura com muitos ensinamentos doutrinários e muito papo informal. A Faculdade de Direito não gostava de Gilberto e, dali, sairiam seus mais ferrenhos críticos. Pinto Ferreira era um deles. Depois apareceria Gláucio Veiga, um paraibano, irrequieto e polêmico, que, ao longo de vários anos, escreveria no suplemento literário do Jornal do Commércio, editado no Recife, contundentes artigos contra o autor de "Casa Grande e Senzala". Os acadêmicos se dividiam nessa luta. Gilberto, homenageado com convites para ministrar cursos em universidades européias e norteamericanas, citado em livros estrangeiros de autores célebres, não se dignava em responder aos seus detratores. Olhava-os do alto do seu renome, e silenciava. A esse tempo, começaram suas ligações com a ditadura portuguesa. Amigo pessoal de Salazar, Gilberto, após uma longa excursão pela África, em visita às colônias lusas do ultramar, iniciou a publicação dos seus estudos de **luso-tropicologia.**

É evidente, em que pese a existência de algumas abordagens científicas, que a finalidade maior da **luso-tropicologia**, uma **pseudociência**, era a de agradar o chefe do Estado Corporativo Português. Os inimigos de Gilberto aproveitaram a ocasião e o levaram ao pelourinho. Os estudantes, quase todos esquerdizados, ficaram contra o criador do Instituto Joaquim Nabuco. Eu vivia o climax de minha paixão socialista. Lera Lênin e Stalin e me investira de um fanatismo agressivo e furioso. Não aceitava descaminhos ideológicos e, por isso, me afastei de Gilberto. Foi, exatamente, nessa fase que ocorreu o segundo fato, a que me referi, e que não seria mais esquecido.Prendeu-se ele a um exame escrito de Direito Constitucional, disciplina que era regida por Pinto Ferreira.Eu passara o ano sem tocar nos livros de Direito.Só estudava as matérias do currículo,assim mesmo de raspão, para prestar os exames. Nesta prova, sorteado o ponto, devíamos falar sobre a legislação antitruste, oriunda dos Estados Unidos. Depois de tentar, em vão, desentranhar da cabeça alguma coisa sobre o assunto, me convenci de que não possuía qualquer informação de natureza técnica que me

salvasse. A respeito de truste, conhecia apenas o jargão da linguagem comunista, empregada nos comícios e nos panfletos de rua. Cocei a cabeça, meditei uns dez minutos e decidi sair pela tangente. Escrevi oito páginas sem qualquer informação, legal ou doutrinária, sobre a pergunta em questão. Servi-me da linguagem panfletária, absorvida nas leituras dos manifestos do P.C.B., e acusei o capitalismo, "desumano e selvagem", de ser o único responsável pelas injustiças sociais.

Em seguida, teci loas ao comunismo, "libertador e providencial", que haveria de salvar um dia o gênero humano. Cheguei ao exagero de encher algumas páginas de um lirismo decadente e suspeito, no qual falava nas regiões geladas da União Soviética, próximas do polo, de onde certamente haveriam de sair, para o resto do mundo as mensagens de redenção da humanidade "escravizada e pobre". Ao terminar, deixei o exame certo de que estava reprovado. Comuniquei meus temores aos amigos mais chegados. E passei a aguardar, ansioso, o resultado da prova, que, uma semana depois, chegou à secretaria da Escola. Ao ter a notícia, dirigi-me, cabisbaixo e temeroso, ao balcão, em que éramos atendidos pelo nosso bedel. Ao me avistar, entre outros colegas, o bedel explodiu:

— Viva o futuro constitucionalista da República .

E com a minha prova nas mãos, berrou a plenos pulmões:

— Dez, Sindulfo, você tirou dez. Meus parabéns.

Surpreendido e assustado, pensei tratar-se de uma gozação. Não era. Tinha realmente tirado dez. Refeito, agradeci os abraços do bedel e dos colegas e sai pensando, meio encabulado, no meu futuro. Aquele sucesso inesperado reativou as minhas disponibilidades de devanear. E logo comecei a imaginar o que me seria reservado depois da vitória da revolução proletária. Poderia, quem sabe, chegar ao cobiçado posto de **Comissário do Povo**. Nesse dia, cheguei à pensão para jantar mais comunista do que nunca. Pinto Ferreira, ao atribuir nota dez ao meu panfleto virulento, tinha feito, talvez sem saber, um prosélito exaltado da luta comunista, exaltação aliás que estava fadada a durar por muitos e muitos anos.

TIA NENA

Seu nome de batismo era Anésia Silva. Nascera nos confins da Lábria, no século passado, na distante Amazônia. Loura, de olhos azuis, descendia, provavelmente, de algum inglês que, seduzido pelas promessas de fortuna do famoso ciclo da borracha, trocara os céus fumarentos de Manchester pelas paisagens primitivas, cheias de mistérios insondáveis, da selva tropical. Na Lábria passou toda a sua meninice até transferir-se temporariamente para S. Luis do Maranhão, onde fez seus estudos de ginásio.

Seu pai, o velho Aureliano, que era dono de seringais, viveu uma boa parte da existência internado na floresta, morando em aldeias indígenas, na exploração dos seus negócios ligados à extração da borracha. Tempos depois, acompanhando a irmã, que se casara com meu avô paterno, emigrou com toda a família para a Paraíba, onde passaria o resto de sua vida.

Ao conhecê-la, apesar de já exibir no corpo as marcas indeléveis do tempo, ainda guardava no rosto resquícios de uma beleza que possuira na mocidade. Havia nos seus olhos azuis, perdidos e distantes, a tristeza de quem se imantara para sempre dos silêncios primitivos e profundos das matas virgens do Amazonas.

Não tendo casado, viveu na casa-grande do engenho do meu avô, falecido em 1933, até a morte da irmã, ocorrida em 1950. Depois disso, mudou-se para outra casa, construída em terras do engenho por meu pai, para

ela e para sua irmã, tia Sinhá. Não tinha empregos nem negócios que lhe rendessem. Sustentava-se de uma pequena pensão que recebia do Amazonas e de uma modesta ajuda que, semanalmente, meu pai lhe dava. Mesmo assim, apesar da humildade do seu padrão de vida, conservou por toda a existência o orgulho aristocrático que trouxera das regiões do norte.

Lembro-me bem que passava o ano fazendo pequenas economias para com elas pagar o aluguel de uma casa na praia do Poço, onde costumava veranear. Foi, exatamente, durante essas temporadas praieiras que a conheci mais de perto. Nos dias em que ficava com ela, nos doces vagares da praia do Poço dos anos 50, ia ouvindo as histórias que me contava de sua longínqua mocidade, vivida, sobretudo nos períodos de férias, na solidão da floresta tropical.

Através dela, aprendi muitas lendas que enfeitam a história do rio Amazonas, rio perigoso, infestado de imensas sucurijús e de gigantescos jacarés, a devorar os bichos e os banhistas incautos que se aventuravam a tomar banho nas suas águas traiçoeiras e mortíferas. Com ela, também aprendi a apreciar a culinária daquela região, especialmente a farinha d'água e o peixe de coco, iguarias que se entranhariam no meu paladar pelo resto dos tempos.

Esta convivência próxima, que tivemos, terminou por transformá-la numa das presenças marcantes que povoaram minha já distante juventude. Gostava de dar conselhos e de falar-me da obrigação que eu tinha de honrar no futuro as tradições da família em que nascera. Nunca perdeu o entono aristocrático, adquirido na juventude, e tratava os empregados da casa com distância e autoridade. Quanto a mim, opunha sérias objeções a alguns dos meus companheiros, classificados duramente por ela como **camumbembes**, e, por isso, indignos de minha amizade.

Era, assim, minha tia Nena, solidária e agressiva, sempre ciosa dos seus privilégios de branca de olho azul, sem nunca transigir com o que ela considerava seus direitos de nascimento. Morreu aos 82 anos de idade. E fui, ainda eu, no crepúsculo de uma bela tarde do nosso engenho, que lhe fechei os olhos para a grande viagem. Sua presença na minha vida foi tão intensa que há momentos, ainda hoje, que me parece, nitidamente, ouvir sua voz, a contar-me as histórias fantásticas do seu inesquecível Amazonas, grandiosamente imerso nas lendas dos seus rios caudalosos e de suas trancadas e impenetráveis florestas.

COLEGAS DE TURMA

No domingo devia ser proibido falar da morte. Como se sabe, em quase todos os calendários conhecidos, o domingo é um dia sempre voltado para as belezas da vida. E, grande é a vida, como gostava de dizer o "amigo velho, na explosão do seu temperamento fáustico. Sobretudo aos domingos, eu acrescentaria. Mas, apesar desta convicção, amanheci, hoje, recordando os colegas de turma que já morreram. Devo ,talvez, a Jeová Mesquita, outro companheiro de Universidade, esta predisposição um tanto fúnebre com que abri os olhos neste domingo, pensando nos mortos.

É que, encontrando-me, ocasionalmente, com Jeová, na semana que passou, ele me comunicou, naquela ensolarada manhã de Camboinha, que mais um colega nosso, juiz de Direito no sertão de Pernambuco, partira definitivamente. De acordo com as estatísticas de Jeová, aquele era o décimo-quinto de uma lista que não parava de crescer, de uns anos para cá.

Isso me fez lembrar o ano de 1956 quando, reunidos em uma solenidade de formatura, 160 bacharéis juravam juntos fidelidade aos princípios de uma profissão que seria a deles. Depois, nesta inevitável diáspora, que é a vida, nos espalhamos pelo Brasil. O Recife, na década de 50, continuava sendo uma espécie de meca do ensino universitário no Nordeste. Para lá, iam paraibanos, sergipanos, alagoanos, cearenses, riograndeses do norte e

baianos. Concluídos os estudos, essas levas de doutores regressavam aos seus Estados de origem com o objetivo de começar a vida profissional.

É provável que, por este fato, eu tenha perdido o contato com a maioria dos meus colegas. Jeová, mais zeloso do que eu em conservar as amizades, filiou-se a uma organização de ex-alunos do velho **templo de Tobias**, fundada por nossa turma. Isso lhe permite, mesmo de longe, ir acompanhando a viagem aventurosa dos **argonautas** de 56, que, como é comum, saíam da faculdade certos de que iam conquistar o mundo e, quem sabe, até as próprias galáxias do infinito.

Hoje, de acordo com o recenseamento de Jeová, já somos bem menos em número mas, em termos de sonhos, às vezes tenho a impressão de que, os que restaram, continuam os mesmos. Apesar de ser difícil, eu sei, agora, que é possível, a quem assim o quiser, conservar quase intactas as fantasias que enfeitam o espírito na juventude. É claro que elas também envelhecem com o tempo, que as marca, aliás, da mesma forma como marca o corpo do sonhador. Teimosas que são, as fantasias renascem sempre, para nos provar que o devaneio é uma das mais fortes dimensões que possuimos. Penso até que, sem a presença delas, a existência perderia completamente os seus encantos.

Talvez tenha sido por isso que, ao acordar hoje, retomei um diálogo antigo com dois colegas que não vivem mais. Lembrei-me de Ubirajara e de Flavianinho, ambos tão jovens e tão amantes da vida, desgarrados, de repente, por insondáveis designios do destino, na noite eterna e penumbrosa da morte. Com eles, convivi estreitamente. Flavianinho fora meu companheiro de quarto de pensão em Recife. No Rio de Janeiro, quando fomos cursar o ISEB, mais uma vez moramos juntos, primeiro no **Hotel Novo Mundo**, na praia do Flamengo, depois num apartamento que alugamos na rua Simão Bolivar em Copacabana.

Companheiro inseparável da época de boêmia acadêmica, Flavianinho continha ocupando amplos espaços de minha juventude distante. Com ele, singrei os mares revoltos da mocidade e, juntos, enfrentamos os desgostos e os prazeres desta quadra da vida, que é, sem dúvida nenhuma, a maior responsável pelas alegrias que experimentamos no mundo.

E que dizer do "velho" Bira? Sempre perfumado e bem vestido, a ostentar o **cacife** de muitos anos de Europa, continente onde andou fazendo

cursos e no qual viveu suas muitas aventuras, aventuras que ele contava com um enfeitiçado prazer nas rodas do **Cassino da Lagoa** e da **Churrascaria Bambu**. Por onde andarão agora esses amigos todos? Se outra vida existir, que estarão fazendo eles nesse belo domingo de verão? Que doces prazeres lhes serão permitidos nos confins do infinito, salpicados todos de estrelas e de planetas? Terão eles algum tempo de pensar em nós? Tudo isso me veio ao espírito durante os tristes enlevos que tive neste domingo de sol. E fico pensando: Será que nossos amigos morrem mesmo para nós?

Ao que sinto, posso dar o testemunho de que todos eles continuam vivos.

CONFISSÕES DE DOMINGO

É muito difícil nós nos libertarmos dos hábitos da adolescência. A este respeito, posso dar inclusive um testemunho pessoal. Ao que me parece, é exatamente nesta fase da vida que se definem as grandes linhas que vão comandar a nossa aventura existencial no futuro.

Não sei até que ponto procede a concepção freudiana segundo a qual a nossa personalidade se forma, quase integralmente, com as experiências dos primeiros sete anos de vida. Mas, conforme me fui convencendo com o tempo, estes anos são decisivos para tudo aquilo que seremos mais adiante. Ainda hoje, em determinados instantes, me descubro inesperadamente o menino sonhador e tímido que fui. Sempre enclausurado num mundo, que é somente meu, envolvido sempre por doces fluidos de uma felicidade, que experimento mas que não consigo traduzir.

Não sei ao certo, mas é bem possível que seja este o sentido da grande sinfonia romanesca de Marcel Proust, a nos contar uma viagem existencial muito parecida com as lendárias aventuras dos argonautas gregos, aventuras que aconteceram na mais longínqua antiguidade. A exemplo do que ocorre ali, na obra proustiana, todos nós, mesmo sem querer, vivemos empreendendo essa grande viagem, sempre na direção do passado, numa penosa e sofrida busca que todos fazemos para recuperar o "tempo perdido"

na obra proustiana, todos nós, mesmo sem querer, vivemos empreendendo essa grande viagem, sempre na direção do passado, numa penosa e sofrida busca que todos fazemos para recuperar o "tempo perdido".

Como dizia, a adolescência me marcou com cacoetes sentimentais que nunca consegui superar. Os primeiros livros que li, por influência de meu pai e de amigos, e quase todos eles já se foram, estabeleceram em mim, por assim dizer, os parâmetros estéticos que até hoje conservo sem qualquer modificação. O próprio gosto de certas palavras que, ao que parece, estão ligadas a vivências inconscientes, se renova, ainda hoje, quando as escrevo ou as falo, como se elas encarnassem uma identidade própria, acima e independente do que eu digo ou do que eu penso.

Este fato me deu uma completa inaptidão para assimilar a chamada literatura consumista que, hoje, se produz. Sidney Sheldon, Harold Robbins e tantos outros me parecem seres estranhos de um mundo que me é inacessível em termos de prazer estético. Por isso, apesar dos esforços de renovação que faço, permaneço prisioneiro de velhas sagas literárias que li na adolescência. Assim, me conservo um escravo voluntário de uma época que já não existe. Época em que o computador não havia chegado nas escolas e em que as noites do Recife não eram singradas ainda pelas naves espaciais da astronáutica moderna.

Naquele tempo recuado, nas modestas tabernas que existiam às margens do Capibaribe, somente as estrelas salpicavam o firmamento e o silêncio só era quebrado pelo brando sussurro das águas mansas e cansadas do **velho rio**. Foi ali, nessa moldura de repousante e aparente monotonia, nas noites tristes e solitárias de estudante da **mauricéia**, que nasceram em mim esses compromissos que não se revogariam mais. Compromissos que ainda hoje alimentam a tentativa de recriação de uma vida e de um mundo que, para dizer a verdade, só existem nos desvãos desolados da minha saudade.

Por assim dizer, continuo sendo, agora, existência afora, como um sobrevivente solitário desse **naufrágio** da juventude, acontecido muitos anos atrás, em pequenos quiosques da rua da Aurora, sob os odores fétidos do lamarão do rio Capibaribe. Seria ali, também, que se cristalizariam para sempre as lembranças das primeiras festas do coração. Os fermentos das paixões infantis, vividas nos cenários primitivos da praia do Poço dos anos 40, ou na suave paz bucólica da fazenda de meu pai no município de Mulungu,

encontrariam sua moldura definitiva, exatamente naqueles instantes sublimes de minha adolescência no Recife.

Estas lembranças não morreriam mais. Esses momentos permanecem tão concretos como se estivessem existindo agora, a me provar que a vida é sempre uma viagem de volta, e que o nosso destino, como o destino de todos os rios, é sempre um retorno na direção de suas respectivas origens. Nós, na direção de nossa juventude, os rios sempre na direção do mar.

O GOSTO DA CITAÇÃO

Conheci-o já velho, passando dos 60, numa campanha política. Chamava-se Salustiano Porfírio de Alencar e era funcionário do fisco estadual. Nosso primeiro encontro se deu no sertão, na cidade de Pombal, onde residia e trabalhava. Pai de cinco filhos, todos batizados com nomes de pessoas famosas, tinha um amor todo especial pelas citações. Sempre que conversava,costumava rechear o papo de frases eloquentes por mais informal que ele fosse.

Ao aposentar-se, por instâncias da mulher, se transferira para a capital onde morou por dez anos numa modesta casa que adquirira no bairro de Jaguaribe. Ali, ao cabo de uma década, morrera de repente e fora sepultado no cemitério de Cruz das Armas. Na sua modesta lápide, em letras de bronze, há uma frase de Anatole France, mandada gravar pela família pois o romancista francês fora o autor de sua predileção em vida.

Ainda cheguei a encontrá-lo algumas vezes, todas elas no Ponto Cem Réis, sempre nas proximidades do Café São Braz. Na capital, longe dos amigos do interior, começara a definhar e, com o tempo,perdera,também, o élan que marcava o ritmo de suas conversas. Certa vez, repassado de angústia, me confessou:

O PODER DA PALAVRA

Corria o ano de 1956. O país, ainda, não vencera o trauma que lhe causara o suicídio do presidente Getúlio Vargas. A Frente Parlamentar Nacionalista caminhava, a todo vapor, arregimentando, num mutirão nacional, as forças progressistas do Brasil em defesa da Petrobrás. O governo do presidente Juscelino, ameaçado de desestabilizar-se, sofria uma oposição sem tréguas dos grupos direitistas que atuavam no Brasil. Na "Tribuna da Imprensa", um jornal da extrema direita, pontificava o insuperável panfletário Carlos Lacerda. A situação internacional, por seu lado, era confusa e dramática. A Hungria, avassalada pelos tanques soviéticos, era o símbolo indefeso da tirania comunista.

A esse tempo, recém-chegado ao Rio de Janeiro, eu cursava o ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), criado por Juscelino, para formular uma ideologia política que respaldasse a concepção desenvolvimentista do seu programa de governo. Foi, dentro desse contexto, rachado seriamente pelos extremismos ideológicos, que conheci, numa mesa redonda, promovida pela UNE, o escritor Josué de Castro.

O movimento estudantil vivia, também, as perplexidades da guerra ideológica que agitava o país. A entidade máxima estudantil, que mais tarde seria extinta, estava dominada pelos estudantes da extrema esquerda. Mesmo assim, numa tentativa de demonstrar imparcialidade, a UNE con-

UM NATALÍCIO ESPECIAL

Comemorou-se, na última quarta-feira, 5 de agosto, os 402 anos de fundação da cidade de João Pessoa. Como sempre vem acontecendo, nas festividades que assinalam o seu aniversário, João Pessoa foi brindada com discursos retóricos dos seus políticos e versos inspirados dos seus poetas. Também os historiadores se fizeram presentes, revolvendo o pó dos arquivos para, em edições especiais dos jornais que aqui circulam nesse dia, celebrar, em ritos de louvação, a data natalícia da **cidade das acácias.**

João Pessoa a tudo assistiu, recolhida e pensativa, como é do seu feitio. Por isso ficou indiferente ao côro de elogios que marcava a sua data maior. E, ao que parece, resolveu continuar tranquila e sozinha a trilhar os caminhos acidentados do seu tumultuado destino histórico. Debruçada, por um momento, sobre sua própria existência, João Pessoa viu desfilar, ao longo de mais de quatro séculos, todos os sofridos dramas que hoje repousam soterrados nas sombras densas de seu remoto passado.

E foi assim que a cidade pôde reviver, num único relance, toda a saga triste de sua história. Viu, entristecida, com seus próprios olhos, a ação criminosa do homem branco que, furioso e devastador, a foi despojando do manto verde que a vestia e a abrigava nos tempos pré-cabralinos. Por onde andariam, agora, as sucupiras, os angicos, os paus d'arco ,as gameleiras, enfim toda a exuberante floresta tropical dos longinquos e saudosos

tempos de Martim Leitão e de Frutuoso Barbosa? E o que dizer de sua fauna? Onde estariam, também, as muitas espécies de animais selvagens que, no tempo da conquista, habitavam os espaços virgens e felizes do planalto pessoense? E os seus regatos cristalinos, que alimentavam os pujantes rios daqueles tempos recuados, hoje quase todos poluídos pela ação "civilizadora" do homem? Dentro dessas visões, quase dantescas, a cidade rememorava, cabisbaixa e revoltada, os crimes que se vinham praticando contra a sua natureza desde a chegada aqui do colonizador lusíada.

Constatou, em seguida, que o que havia acontecido à sua fauna e à sua flora, ocorrera, igualmente, aos seus primitivos habitantes. Os potiguaras e os tabajaras, que nela viviam, foram implacavelmente destruídos pela fúria devastadora do homem branco. Cessadas as guerras da conquista, os índios que restaram foram aprisionados. E, com a perda da liberdade, seriam transformados em meros instrumentos do trabalho escravo, que aqui se implantou, para atender à obsessão de opulência dos monarcas vorazes que governavam Portugal e, posteriormente, à sede capitalista dos príncipes flamengos.

Viu, ainda, que sua sorte continuou a mesma após a independência do país. Os políticos do Império e, logo depois, os da República, com algumas exceções, raras e honrosas, prosseguiriam na obra de devastação que havia começado no século XVI. Com os avanços da tecnologia, a sua já sofrida natureza iria pagar um preço bem maior. O cimento armado, o asfalto, os agrotóxicos, toda essa parafernália mortífera da química moderna substituiria as antigas armas de destruição usadas pelo colonizador lusitano e holandês. Poucos recantos de sua antiga paisagem sobreviveriam à "sanha civilizadora" do chamado homem moderno.

Talvez, por tudo isso, João Pessoa se manteve indiferente aos discursos inflamados e às expansões do nosso lirismo, por ocasião deste seu aniversário. A cidade, como não podia deixar de ser, jamais entendeu as juras de amor que todos os anos lhe fazem, e que são partidas, estranhamente, daqueles mesmos que a vêm mutilando e destruindo, impiedosamente, ao longo do tempo.

E, talvez, tenha sido por isso que João Pessoa, cada ano que passa, se confine mais num melancólico e recolhido exercício de lembranças. Daí, conforme consta, ter ela deixado as homenagens do pátio da Catedral e

ter ido, em ritmo de solidão, até o velho Hotel Globo para ,ali, se imantar, como costuma fazer todas as tardes, com as cores vermelhas do crepúsculo que sempre, naquela hora, religiosamente,incendeiam as águas mansas do Sanhauá.

ADEUS ÀS ARMAS

Pedro Gondim resolveu deixar a política. É ele próprio quem anuncia, em entrevista à imprensa da Capital. E o faz, fixando os limites e dando os motivos de sua decisão. O propósito de não mais candidatar-se nasceu de uma reflexão crítica sobre a idade — o advento dos setenta anos. A retirada, no entanto, não será absoluta. Como ele mesmo declara, continuará ajudando o seu partido. Com esse fim, exercerá uma militância mais discreta, em posição menos ostensiva, oferecendo apoio logístico aos companheiros de grêmio partidário. Não lhe faltarão credenciais para tanto, contando, como de fato conta, com uma longa experiência política, acumulada, no curso dos anos, pelos acidentados caminhos de sua legendária vida pública. Abre espaço, assim, espontaneamente, aos mais jovens, sempre tocados pelo idealismo que incendeia as madrugadas da existência, a eles confiando a bandeira do ideário cívico que, por longo tempo, tremulou em suas mãos. Sai da cena eleitoral com a grandeza da humildade, sem queixas nem rancores mesquinhos, atribuindo a si próprio o insucesso da última campanha. Insucesso, diga-se de passagem, que não ofusca nem diminui o brilho das vitórias de outros prélios democráticos de que participou, fazendo de sua carreira política uma das mais fulgurantes de toda a história republicana do Estado.

Há, para os que amam o confronto, um paralelismo singular, ainda não registrado, entre a vida pública de Pedro Gondim e a de José Américo de Almeida. Aos dois, em épocas diversas, deve a Paraíba as mais belas campanhas democráticas que enriqueceram sua crônica política. Em 50, transfigurado pela beleza do seu verbo e pela força do seu idealismo, José Américo sacudiu as multidões na praça e despedaçou o poderoso esquema que o Catete armara para garantir a eleição do jurista José Pereira Lira, então Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República. Dez anos depois — nos idos de 60 — é a vez de Pedro. Como comandante destemido de uma cruzada memorável, cruzada que encheu as ruas de povo no delírio das passeatas, destroçou o aguerrido exército pessedista, mobilizado pelo saudoso senador Ruy Carneiro, para eleger o irmão governador.

As afinidades não param aí. O saber, esse esquivo viajante das esferas do sonho, exerceu sobre ambos uma sedução irresistível e fatal. Em José Américo, o artífice incomparável da frase e o criador imortal das sagas de "A Bagaceira", ele desabrocharia pujante e cheio de feitiço, constelando de jóias literárias a vida gloriosa do futuro membro da Academia Brasileira de Letras. O destino, no mistério de sua vontade caprichosa, reservara ao solitário de Tambaú um papel singular no mundo da inteligência. Jornadeou, com brilho invulgar, por todas as clareiras onde se cultiva a semente da arte. Foi grande na poesia, no romance e no ensaio crítico. Pedro, em ponto menor, envolto nos tentáculos de outros chamamentos, no fiat da existência, mais espectador do que ator, também oficiou atos litúrgicos no altar de Minerva. Durante seu governo, através do Plano de Extensão Cultural, se iniciou uma nova etapa nas letras da província. O novo Mecenas, que dirigia o Estado, proclamou os seus planos de combate em prol da cultura, e alistou, como peões dessa nova cruzada, a fina flor da inteligência paraibana. Virginius da Gama e Melo, Juarez Batista, Severino Ramos, Nominando Diniz, Gonzaga Rodrigues e tantos outros foram soldados dessa "guerra nas estrelas". Ao lado das iniciativas, aqui mencionadas, contaminado, certamente, pelos perfumes inebriantes do jardim que plantara, apaixonou-se, ele também, com todas as chamas do seu coração ardente, pelas musas fugidias. E, de repente, a sua vida se cobriu de um arco-íris de poemas. Finalmente, ambos deixam a vida pública disputando um mesmo mandato — o de senador.

José Américo se recolhe a Tambaú e começa, no dizer de Juarez, o seu diálogo interminável com o mar e com o Cabo Branco. Pedro, que voltara ao palco da política depois de longos anos de silêncio, imposto pelo arbítrio do regime que se implantara no país, dele se retira, agora, quem sabe, também para fazer as suas meditações. Durante os anos de provação, recolhido à sua casa, aguardou que a luz da democracia voltasse a brilhar nos horizontes do seu país. E, tão logo isso aconteceu, o guerreiro, então confinado nas trevas do silêncio forçado, retomou o seu clarim e encheu de cânticos e de sons as praças de sua cidade. Voltava aos comícios, encanecido pela pátina do tempo, mas com o mesmo vigor que marcará as primeiras campanhas da juventude.

Pedro, como todos os homens, ostenta virtudes e defeitos. À exceção do super-homem do mito nietzscheano, que sobrepaira além do bem e do mal, todos nós descendemos, como dizia Carpeaux, do mundo dos **Karamazov**. E, como tal, passamos a existência transitando entre a inocência angelical de Alioscha e a maldade demoníaca de Ivan. O que importa, realmente, é haver um saldo positivo em nosso favor, na hora de fechar a contabilidade da vida. Pedro sai da cena política como credor, cercado pela admiração dos seus amigos, pelo respeito dos seus contemporâneos e pela gratidão do seu povo.

DOMINGO DAS MÃES

Hoje é dia de amenidades. Além de ser domingo, dia santificado, dedicado, no calendário cristão, ao culto de Deus, é, também, dedicado, no calendário profano, ao culto das Mães.

Não interessa indagar dos motivos, nobres ou mesquinhos, que estão subjacentes às comemorações do dia de hoje. Criado pela ganância comercial, para engordar o faturamento do mês, ou inspirado pelo sentimento filial, que se envolve de fluidos, misteriosos e inexplicáveis, o que vale mesmo é que, independente das razões, que lhe ditaram o aparecimento, as mães o merecem e, por isso, o limpam dos possíveis vícios de sua origem.

Não descerei, igualmente, às pesadas reflexões dos psicólogos e dos filósofos sobre o sentimento maternal. Nem, tampouco, às explicações transcendentais das religiões. Que fiquem, só por hoje, nas estantes, as graves e profundas elocubrações de Jung e de Freud. E, também, a dos comportamentalistas anglo-americanos. Cultural ou instintivo, todos nós, mesmo sem saber de sua origem, podemos dar o testemunho do amor desse anjo tutelar que nos abriu com carinhos extremos os caminhos da existência.

Nós sabemos que a vida das mães é sempre uma estrada acidentada, pontilhada de sustos e cuidados, de dores e sofrimentos. O pequeno ser,

que brotou de suas entranhas, indefeso e frágil, passa a significar, na atribulada existência das mães, o motivo maior da sua própria vida. Suas alegrias e suas tristezas, como se um cronômetro invisível regulasse os seus sentimentos, vão se condicionando, mais e mais, às oscilações da vida do filho, que é, ao mesmo tempo, a causa maior de sua felicidade e do seu infortúnio.

Os dias e as noites perdem o seu sentido convencional. Os feriados, também. Para as mães, sempre envoltas num engajamento sentimental que só termina com a morte, a razão maior de viver passa a ser o destino do filho. Carne de sua carne, sangue do seu sangue, o filho para a mãe é ela própria. A vida dele se confunde com a dela. E, tudo isso acontece como se um narcisismo, absoluto e incontornável, envolvesse a maternidade nos seus poderosos tentáculos. Mãe e filho como uma coisa só.

E que dizer dessa tentativa vã do cronista em falar sobre o amor materno? Será que esse sentimento misterioso, que é o amor das mães, pode ser traduzido em palavras? Está claro que não. Sempre, nesse caso, o retrato não corresponde ao original. Nem os próprios poetas, que são seres tocados por uma centelha divina, conseguem descrever esse poderoso sentimento, que é por natureza indescritível.

Por isso, já arrependido da crônica de hoje, aqui vai um conselho ao filho que, ainda, tem a ventura de ter mãe. Nada de palavras enfáticas. Vá ao jardim e lá apanhe uma rosa ou um lírio, ou qualquer outra flor e, depois de dá-la à sua mãe, a abrace, calado, por longo tempo. E o milagre da comunicação, certamente, se fará. E se fará com a única linguagem que é possível entre seres que se amam — a linguagem do silêncio. Depois disso, rasgue a crônica e a esqueça. Para sempre.

O DIA DA CRIANÇA

O país se prepara para comemorar o dia da criança. Será no próximo 12 de outubro. Apesar das chamadas na TV, das notícias nos jornais e das reportagens nas revistas, no Brasil, como de resto na América Latina, a criança continua sendo um ser abandonado, esquecido, sempre relegado a segundo plano.

As crianças deste continente, hoje tão pobre quanto a África, enfrentam um extenso elenco de perigos que as ameaçam,permanentemente. Na América Latina, região minada pela doença e pela fome, a primeira idade é uma aventura incerta e muitas vezes fatal. Como nas antigas odisséias marítimas, ser menino por aqui equivale a viver todos os pesadelos dos velhos argonautas, cantados por Homero e por Camões. Como se sabe, aqueles marinheiros lendários, que enfrentavam o mar desconhecido, viviam cercados de muitos perigos, terminando quase sempre como vítimas indefesas da fúria devastadora das procelas.

O mar, que aqui se desafia, é mais traiçoeiro, é mais cruel, é mais desumano. Aqui, a nossa infância sucumbe sob a ação de tempestades mais mortíferas do que aquelas outras que, na antiguidade, varriam o úmido elemento por onde singravam os antigos navegadores. Se lá existia a possibilidade de salvação, às vezes pela proteção dos deuses olímpicos, aqui a salvação é cada dia mais difícil.

Agora mesmo, ficamos sabendo que um milhão de crianças latino-americanas morrem de fome anualmente. As causas maiores dessa mortandade são a ausência de saneamento básico e a falta absoluta de alimentos. Não se morre aqui, portanto, só de doença. Morre-se, sobretudo, por falta de comida. O continente ostenta, ao lado da África, o maior índice de mortalidade infantil do mundo.

Dentro desse contexto de desgraças, o Brasil, segundo as estatísticas oficiais, perde, por ano, 360 mil crianças na faixa etária de 1 a 5 anos. Como se pode ver, nascer no nosso país é se transformar em forte candidato à morte nos primeiros anos de vida. Nunca, em tempo algum, a vida e a morte andaram tão juntas nessas terras da Santa Cruz. Isso faz lembrar os versos de desespero e de dor de João Cabral de Melo Neto: **"E se somos Severinos/Iguais em tudo na vida/morremos de morte igual/mesma morte severina;/ que é a morte de que se morre/ de velhice antes dos trinta,/ de emboscada antes dos vinte,/ de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença/ é que a morte severina/ataca em qualquer idade, /e até gente não nascida).**

É evidente que o Brasil precisa reverter essa dolorosa situação. Se não o fizer, ao contrário do que pensava Zweig, será exatamente um **país sem futuro**. O próximo dia 12, precisamente por ser o dia dedicado à criança, deve marcar para todos nós o início de uma reflexão sobre essa vergonhosa realidade. É preciso que façamos publicamente uma catarse, reconhecendo, também publicamente, a nossa culpa. Vamos todos fazer como aquele personagem de Camus que, sentado no bar Mexico-City, um bar de marinheiros, perdido nas brumas de uma rua de Amsterdam, confessava a todos, que ali apareciam, sua culpa, universal e absoluta, por todos os desencontros da humanidade.

Vamos reconhecer que essas crianças brasileiras, que estão morrendo aos montões, são vítimas também de nossa omissão. Omissão, essa palavra chave que significa a um só tempo covardia, egoismo, mêdo, em suma, todo um cortejo de defeitos de caráter que hoje nos deprime e nos identifica.

Por isso, é necessário reagir. Vamos ter a coragem de dizer ao Citicorp e à Autolatina que a vida de um negrinho do morro Dona Marta vale tanto ou mais do que os dólares e os automóveis de luxo que eles produzem.

O próximo dia 12 poderá, como dissemos, ser para todos nós uma data-limite. Nesse dia, se quisermos, poderemos firmar um pacto para acabar definitivamente com **a vida severina** do povo brasileiro. Vamos, assim, arregimentar todas as forças da nação e, com elas, vamos bloquear a ação devastadora do anjo da morte que anda enchendo os cemitérios pobres de nossas pobres cidades com crianças brasileiras que, apenas nascidas, não tiveram sequer o direito de começar a viver.

CHE GUEVARA-VINTE ANOS DEPOIS

Celebra-se este ano, precisamente durante este mês de outubro, o vigésimo aniversário da morte do revolucionário argentino Ernesto Guevara de la Serna, o **Che**. Como se sabe, Guevara foi morto por tropas regulares do exército boliviano com a ajuda da CIA, o famoso serviço de inteligência dos EUA.

Sua morte se deu em Hilgueiras, um pequeno povoado do interior da Bolívia. Vítima da delação de uma camponesa, depois de ferido e preso, Guevara foi levado para o mencionado povoado onde, por ordem do governo fascista da Bolívia, foi sumariamente assassinado. Tinha então 39 anos de idade e onze anos de lutas revolucionárias.

Sua atuação de guerrilheiro, visceralmente comprometido com a emancipação econômica e política dos pobres, se desenvolveu na América Latina e na África. Exatamente, nestes continentes que, àquela época, como ainda hoje, são os mais assolados do mundo pelo espectro devastador da fome e das epidemias mortíferas.

Durante a sua curta existência, Guevara lutou em Cuba, no Congo e, finalmente, na Bolívia. Ao morrer, deixou vários livros sobre as táticas da chamada guerra de guerrilhas, como também deixou, para sempre plantada, a semente da inconformação e da revolta que, entre os desvalidos sociais dos continentes onde atuou, só tem crescido e se reforçado através dos tempos.

Che Guevara, a exemplo de todos os homens que sacrificaram a vida por seu ideal, ainda é julgado dentro dos padrões do pensamento maniqueista que, como se sabe, tem dominado a história dos homens desde o seu início. Por isso, para uns, Guevara foi um herói, cercado, como acontece com todos os heróis, dos sortilégios impalpáveis de que são feitas as lendas. Para outros, ele foi um bandido, perigoso e cruel, que viveu permanentemente a serviço do crime e da subversão da ordem social.

Em verdade, o fato é que, endeusado por uns e malsinado por outros, Guevara, apesar dos pesares, portando credenciais tão díspares, entrou definitivamente na História. E, ao que parece, entrou para ficar.

O seu compromisso com os pobres não conhecia fronteiras geográficas nem barreiras raciais. Investido de um pensamento universalista, Guevara terminaria, transfigurado por um sonho de igualdade entre os homens, por reproduzir na América uma velha saga tantas vezes trilhada pelas religiões do Oriente e do próprio Ocidente.

A sua fé inquebrantável na igualdade dos homens o armou de uma grande coragem para enfrentar as adversidades que pontilhariam sua existência. Sua missão, por isso, não tinha prazo para terminar. Vitorioso em Cuba, depois da odisséia cruenta de **Sierra Maestra**, deixa o conforto das posições de mando e, inesperadamente, se lança a outra aventura de libertação, desta vez no Congo, em pleno coração do continente negro. De lá, quem sabe, triturado por saudades da América, a ela retorna e, aqui chegando, planta a sua tenda de libertador itinerante em terras da Bolívia.

Como Bolivar, a pátria de Guevara é o mundo e o seu povo é toda a humanidade. O seu gládio vingador, a serviço dos pobres, faz do legendário **Che** o novo cavaleiro andante da liberdade e da justiça social, a levantar a bandeira da igualdade entre os homens num mundo marcado pelas cicatrizes da opressão política e da exploração do homem pelo homem.

Guevara foi, sem nenhuma dúvida, o São Jorge dos desvalidos a desafiar, intimorato e insubmisso, a ferocidade do dragão capitalista no mundo moderno. E é por tudo isso que ele será eterno. Tão eterno quanto o sentimento de revolta que sempre agitou o coração do homem contra a injustiça social. Enquanto esta consciência do direito à igualdade entre os homens sobreviver, este menino argentino de **Missiones** certamente não morrerá.

MEDITAÇÃO DO DOMINGO

Domingo devia ser um dia destinado à meditação. Afinal de contas, segundo nos ensina a tradição cristã, foi exatamente num domingo que Deus descansou. E o fez, como se sabe, depois de seis dias de estafante trabalho despendido na criação do mundo. Como a meditação, ao que se diz, é o descanso da mente, a ela deviam ser dedicados todos os domingos. Mas, ao que parece, não é isso que se faz. Além do culto, que se costuma render ao Deus vivo, a maioria dos homens aproveita o feriado do domingo para o lazer. A praia, o futebol, o cinema e a televisão são sempre opções válidas para gastar as horas desse dia santificado.

Talvez seja por isso que todos nós encaramos o domingo como um dia muito especial. O sol e o mar, que quase não são vistos durante os outros dias da semana, passam a constituir as nossas prioridades exclusivas ao longo do domingo. O homem, desumanizado pela luta sem trégua do dia a dia da vida, retoma, no domingo, sua condição de animal da natureza e se entrega de corpo inteiro aos doces sortilégios do sol e do mar.

Aos domingos, as praias se enchem de banhistas. Como nas antigas festas pagãs, homens, mulheres e meninos, descontraídos e felizes, numa comunhão salutar, desfrutam juntos o prazer das águas tépidas do mar e dos raios quentes do sol.

E, por ali, ficam durante toda a manhã numa espécie de estado de graça, vivendo em absoluta plenitude o suave e transeunte **dolce far niente**, que marca quase sempre as manhãs de domingo. Esse contato mais íntimo com a natureza nos renova a saúde do corpo. E dele saímos também com a nossa mente restaurada.

Não se discute mais a necessidade desse entranhamento entre o homem e o seu habitat. Ele produz nas nossas vidas, muitas vezes sem que nos apercebamos, efeitos milagrosos. É que o homem, ao longo do tempo, foi inexplicavelmente se afastando da natureza. Através dos hábitos trazidos pela "civilização", fomos rompendo os vínculos que tinhamos com o mundo que nos circunda. Isso nos transformou em plantas de estufa e, como elas, segregados voluntariamente do nosso contorno natural.

É bem possível que esse exílio seja o grande responsável pela angústia generalizada que passou a atacar a humanidade. A fuga da natureza é, em certa medida, a mãe de todas as neuroses. O trauma da separação nos confina, geralmente, dentro dos espaços sombrios da solidão e do desespero.

E, sem dúvida nenhuma, é por isso que o domingo nos parece diferente e especial. É que ele, precisamente ele, é o dia em que nos reencontramos com a natureza. Esse reencontro, como todos nós podemos testemunhar, guarda sempre o sabor de uma reconciliação entre pessoas que se amam. Isso, como já dissemos acima, nos deixa a todos num agradável estado de graça. E assim ficamos a namorar o mar, o sol, os coqueiros, a areia, as gaivotas marinhas. São momentos de extrema ternura e de quase êxtase místico que experienciamos juntos, nós e a natureza.

E quanto à meditação? Será que sobra tempo para ela em meio de tanto amor? É evidente que sim. Como também é evidente que a meditação dominical deve estar afinada com as predisposições orgânicas e íntimas do próprio domingo. Isso significa dizer que ela sempre deve ser uma meditação positiva. Afinal, como sabemos que, mais dias menos dias, vamos todos morrer, é preciso que a vida, pelo menos aos domingos, seja uma pausa suave e deleitosa entre os dois terríveis nadas que limitam nossa aventura existencial. O nada do antes e o nada do depois.

O domingo é dia de vida, de felicidade, de sonho, de amor. E sonhar e amar são os dois grandes privilégios do homem. Por isso não devemos deixar jamais que os nossos domingos se transviem dos caminhos coloridos do devaneio e das doçuras aconchegantes do amor. Acontece que hoje é domingo. E, assim, vamos fechar a crônica para que colunista e leitor possamos fazer a única coisa que justifica a existência dos domingos: **amar e sonhar.**

A EUTANÁSIA GAÚCHA

A notícia deu no JB. Osvaldo Ogliori Livitin, 62 anos de idade, aposentado, italiano de nascimento e brasileiro por opção, matou com dois tiros de revólver a sua mulher, Loyd Bertoglio Livitin, que sofria de câncer há vinte anos. Antes de consumar o crime (seria crime?) Osvaldo escreveu de próprio punho uma carta dramática a Loyd, na qual manifestou o seu desespero e comunicou a sua decisão.

O jornal não informa se a esposa assassinada a leu antes de morrer. Sabe-se, apenas, que a referida missiva foi encontrada junto ao corpo inanimado da vítima e que, entre suas muitas frases de dor e de revolta, há uma em que Osvaldo, depois de pedir perdão a Loyd, confessa que sentia vontade de chorar e de gritar mas que não podia fazê-lo "porque estava destruído por dentro".

Essa tragédia, ocorrida na cidade de Cachoeirinha, na região metropolitana da capital gaúcha, está entregue à polícia estadual, que já abriu inquérito, iniciando assim as investigações criminais com a finalidade de desvendar os motivos verdadeiros do crime.

O filho do casal, Tális Livitin, ouvido depois do crime, declarou à imprensa que seu pai não era um criminoso, pois matara sua mãe por compaixão. Este fato dramático, que faz parte do dia-a-dia das grandes tragédias que acontecem no mundo tumultuado em que vivemos hoje, exige de cada um de nós um momento de íntima reflexão.

Ao que parece, pela versão que nos deu o JB, Osvaldo amava Loyd pois com ela tinha vivido ao longo de muitos anos. Ao matar a companheira de toda a vida, com dois tiros de revólver, um no ouvido e o outro no coração, na própria cama de dormir do casal, que fôra outrora o ninho do seu amor, Osvaldo terá sido acionado por um sentimento incontornável de compaixão, que só os que amam são capazes de ter.

É improvável que a carta que fez, e que foi achada junto ao cadáver de Loyd, tenha sido um álibi, armado por Osvaldo, para despistar a justiça. Mesmo assim, a prudência aconselha a aguardar os resultados da investigação criminal para que se possa fazer um julgamento mais isento sobre o ato tresloucado de Osvaldo.

A eutanásia, como sabemos, é um instituto ainda polêmico no nosso meio social. E está claro que só por metáfora poderíamos aplicá-la ao caso da gaúcha Loyd. Afinal de contas, uma decisão como essa, que implica em arrebatar a vida de outra pessoa, se algum dia for institucionalizada, terá de ser executada dentro de critérios estabelecidos pela lei. Daí, a impossibilidade de se enquadrar como eutanásia o gesto patético e atroz do gaúcho Osvaldo.

Temos, assim, perante a nossa lei, mais um caso de homicídio. Um homicídio praticado, ao que tudo indica, por motivos humanitários, mas, assim mesmo, um homicídio. É evidente que jamais virá à tona toda a verdade. Ao que pensamos, não existem meios de descermos às regiões profundas da alma de Osvaldo e lá, como na tela de um cinema, presenciarmos o que se passou nos instantes apocalípticos que antecederam a morte de Loyd.

O que teria armado o braço de Osvaldo para exterminar, num momento de autêntica loucura, a companheira de toda a sua vida? Seria a compaixão diante do sofrimento, imposto a Loyd, por uma doença cruel que nunca se deixa vencer? Ou teria sido um protesto contra o Deus de sua meninice que não o socorreu naquele impiedoso transe vivido por ele? Onde estava o seu Deus, indiferente e mudo, nos longes de sua infância, que jazia ancorada em algum recanto de sua distante Itália? Como se vê, são perguntas sem respostas. Só Osvaldo as poderia responder, se assim o quisesse. E mesmo se isso acontecesse, a resposta de Osvaldo estaria sujeita aos erros que são comuns no campo dos autojulgamentos.

A tragédia gaúcha só tem uma explicação plausível. Ela é fruto de uma perplexidade, incontornável e trágica, que não é outra coisa senão a própria **condição humana.**

CRISTIANO – O MORTO–VIVO

A cidade presenciou, na semana que hoje termina, um drama, chocante e escabroso, protagonizado por uma criança de apenas oito meses. Cristiano, que era o seu nome, foi dado como morto por um médico do Hospital São Domingos, localizado em Bayeux. Entrara, ali, há menos de três dias, trazido pelos seus pais, na esperança da cura e da vida. Pouco tempo depois, atestado como morto, Cristiano retornou à sua casa para a triste cerimônia do sepultamento. Ocorre que, segundo testemunham seus pais, Cristiano, acomodado entre as flores do pequenino caixão, começou a respirar durante o velório como quem quisesse avisar que ainda estava vivo. Os pais, aturdidos e nervosos, envolveram Cristiano numa toalha e partiram, à toda pressa, em busca de socorro num hospital da cidade. Na Clínica Paula Marques, onde chegaram, minutos depois, a médica que atendeu o pequeno Cristiano, após ouvir a incrível história contada pelos pais, aconselhou-os a levar o menino ao AMIP, outro nosocômio de João Pessoa, pois, segundo ela, lá eles levariam a criança para o CTI, onde encontraria maiores possibilidades de escapar. Outra vez, seguindo seu destino itinerante, Cristiano partiu para o AMIP, onde, segundo informaram os jornais, já chegou sem vida. A morte de Cristiano, apesar de ser um fato rotineiro num país como o nosso, melancólico campeão nas estatísticas de mortali-

dade infantil no continente, traz algumas verdades que devem ser aproveitadas. Malgrado ter vivido, como as rosas de Malherbe, apenas o espaço de uma manhã, Cristiano, quem sabe, pelos sortilégios do seu nome de batismo, prestou, sem querer, um grande serviço à toda coletividade. Todos sabemos que a fome, essa megera, desalmada e cruel, é a grande aliada da morte, essa horrenda ceifeira, que arranca sem piedade dos nossos jardins as flores que nem sequer desabrocharam ainda. Mas, ao lado dessa chaga social, há outra, tão perniciosa quanto ela, que com um pouco de coragem, podemos eliminar. Não pretendo, aqui, ser algoz dos médicos que se envolveram no episódio de Cristiano. Afinal, acontecimentos como esse são comuns no nosso pobre Brasil. Mas, isso não desculpa o Conselho de Medicina de apurar o caso. Este órgão, responsável pelo exercício da profissão e pelo seu código de ética, está obrigado a deslindar, da forma mais clara possível, o caso de Cristiano. Essa satisfação é devida à sociedade, hoje, deprimida e confusa, diante da inusitada e trágica ocorrência do hospital de Bayeux. Também as autoridades policiais ficam na berlinda. O fato, que pode caracterizar um delito, demanda apuração rigorosa independente de queixa da família. Caso se positive uma conduta dolosa dos responsáveis, espera-se que eles respondam por seus atos perante a lei. Só assim, o atendimento aos pobres se fará sem a negligência e a desumanidade, que o marcam, nos dias que correm. Como se viu, a exemplo do seu **xará da Galiléia**, Cristiano, por destino e por vocação, prestou um serviço aos seus irmãozinhos que ficaram e que aguardam no regaço da subnutrição a hora de embarcar também. Até quando, nós brasileiros, vamos suportar, passivos e em silêncio, os dramas diários dos milhares de Cristianos que, antes de um ano de existência, são jogados nos braços ferozes da morte? Até quando, Dr. Sarney?

TRAGÉDIA DO COTIDIANO

A polícia carioca encontrou, na última terça-feira, em um apartamento da rua Ministro Viveiros de Castro, no bairro de Copacabana, um casal de velhos, ambos mortos e com os corpos em avançado estado de decomposição. Feitas as primeiras investigações, chegou-se à conclusão de que se tratava no caso de um duplo suicídio.

Javier Bovi Aules, 80 anos de idade e sua mulher, Concepcion Ponce Saldeliva, 77 anos, eram espanhóis e viviam sozinhos. Segundo ficou apurado, eles tinham uma filha residente no Rio e uma neta morando em Brasília. Consta, ainda, das investigações policiais que o infortunado casal não recebia mais a visita desses dois parentes nem tampouco a de qualquer outra pessoa.

Emparedados pela solidão em vida, Javier e Concepcion, na opinião do delegado Bittencourt, que preside o inquérito policial, teriam decidido firmar um pacto de morte cujo desfecho, como já foi assinalado, ocorreu na última terça-feira. Os dois velhinhos espanhóis morreram por envenenamento de gás, o que ficou provado pelo fato do bico do aquecedor do banheiro ter sido encontrado completamente aberto pelos policiais que descobriram os dois cadáveres.

Conforme, ainda, registra o relatório da polícia, depois de abrirem o gás que iria matá-los, Javier e Concepcion se dirigiram à sala de televisão e

com urgência a um centro de saúde especializado norteamericano, ao que tudo indicava, iria morrer. Ao ser perguntada por um repórter, diante das câmeras de TV, se estava arrependida do que fizera, sem qualquer vacilação, Norma Campanelli disse que não. Afirmou, em seguida, que, se pudesse, faria tudo outra vez, acrescentando que, para ela, nada no mundo tinha a importância da vida do seu filho.

A velhinha Norma Campanelli, que confessou com tanta veemência seu próprio crime, deu, naquele momento, sem querer, o maior testemunho que alguém poderia dar sobre a grandeza incomensurável do que é o amor das mães. Para elas, todas as regras da sociedade se apagam e desaparecem quando entra em jogo a vida dos seus filhos. É que a lógica desse amor é instintiva e, por isso, está muito acima das veleidades sociais que acobertam e dão vida aos chamados valores da cultura.

Não sei o que vão fazer as autoridades brasileiras com Norma Campanelli. Ao que parece, cumprindo as rotinas legais para tais casos, é bem possível que Norma Campanelli vá terminar os seus dias em algum cárcere feminino, dos muitos que existem espalhados em nosso país. Se assim for, Norma Campanelli vai acabar a sua trágica existência longe da Bolívia e longe, também, do túmulo do seu filho que, certamente, vai morrer.

Afinal de contas, esse tem sido o fim, na triste história da humanidade, de muitas mães criminosas. A velhinha Norma Campanelli não seria, por isso mesmo, uma exceção. A aventura da Holanda, para salvar o filho, não dera certo e, em consequência disso, ela teria de pagar o pesado tributo da prisão por ter transgredido as leis da sociedade.

Apesar de tudo, ao que penso, muita gente, a partir de hoje, ao se lembrar da triste história de Norma Campanelli vai experimentar a incômoda perplexidade de uma angustiante dúvida. Seria Norma Campanelli realmente uma criminosa? Ou, ao contrário, seria ela, apenas, uma mãe desesperada?

Eu, por mim, já dissipei as dúvidas que poderia ter a respeito do julgamento que farão todas as mães do mundo sobre Norma Campanelli. Para as mães do universo, a velhinha boliviana não será criminosa. Muito pelo contrário. Norma Campanelli, para elas, passará a ser uma grande heroína.

Talvez, por tudo isso, mesmo condenada pela lei dos homens, Norma Campanelli, quem sabe, depois de morta, poderá colher os frutos de uma

justiça, que sendo do céu, não poderia deixar de ser diferente da justiça da terra. E, então, é provável que ela própria ouça, repetidas muitos séculos depois, aquelas mesmas palavras que, em circunstâncias parecidas, foram ditas um dia em terras da Galiléia: **Teus muitos pecados te serão perdoados, porque muito amaste.**

vai abater, sem qualquer piedade, o alegre histrião das tiradas humorísticas das noites cariocas.

Leon Eliachar, segundo a imprensa nos informa, desconfiava que estava marcado para morrer. Ele próprio, num desolado bilhete à sua amada, declarara isso. Naquele doloroso escrito, repassado do fogo ardente da paixão, Eliachar dissera à sua suave **Julieta** paranaense que, mesmo com o possível sacrifício da própria vida, não pretendia deixar de amá-la.

E, ainda, como na ficção literária de **Stendhal**, esse novo **Julien Sorel** das noites pecaminosas de Copacabana não vacilou em correr o risco de perder a sua vida para continuar amando a **Madame de Renal** de sua trágica e apaixonada existência.

A tragédia da morte de Leon Eliachar encheu de lágrimas e de tristeza os espaços neutros da imprensa brasileira onde, outrora, ressoavam as gargalhadas e a alegria que o seu sofisticado humor peninsular costumava produzir. Com ela, fecha-se, também, mais uma etapa na história do nosso humorismo, que ficou, hoje, mais pobre sem a presença do **clown** egípcio da cidade maravilhosa.

O país, igualmente, se desfalca de uma das mais autênticas vertentes da sua escassa alegria. E, assim, fica, também, mais triste, com o riso que Eliachar provocava congelado para sempre nos desvãos de uma lembrança amarga.

É lamentável que tudo isso tenha acontecido aos brasileiros, justamente agora, numa hora de tantas amarguras e tantas perplexidades. Essa tragédia a mais, como se vê, passa da conta. Era como se já não bastassem a dívida externa e a inflação para alimentar a nossa secular tristeza.

Pobre Eliachar. Pobre Brasil.

A NOVA PARANÓIA

De uma hora para outra, toda a humanidade foi tomada de terror, e passou a canalizar o maior pontencial dos seus recursos para combater o novo mal do século — a AIDS.

As reuniões se sucedem em todos os níveis. Das conversas caseiras, nos intervalos das novelas de TV, aos debates científicos, nos auditórios mais famosos do mundo, o assunto que monopoliza com uma exclusividade escravizante a atenção de todos continua sendo um só — a AIDS.

O frenesi aidético, que está sacudindo o globo, democratizou o medo, disparado por esse novo flagelo da modernidade que, como as devastadoras pestes medievais de ontem, ameaça, hoje, fazer sucumbir, inapelavelmete, todo o gênero humano.

O esforço para debelá-lo vem unindo, por força de uma coesão espontânea, todos os povos da terra. E isso, independentemente de raça, de religião ou de ideologia. Brancos e pretos, direitistas e esquerdistas, umbandistas e católicos, todos juntos, se dão as mãos e se enlaçam os braços para dançar em comum a ciranda da sobrevivência.

Desejam, através dos fluídos milagrosos desta dança mítica, exorcizar os malefícios da besta apocalíptica da era cibernética que apareceu, como uma assombração horrenda, ameaçando solapar o futuro de todos. Nos laboratórios do universo, um mutirão de milhares de cientistas foi mobilizado para deter a marcha trágica dessa terrível doença.

Até agora, malgrado os esforços dispendidos nessa guerra sem tré-

guas, pouco terreno se conquistou. A AIDS, como um monstro furioso e dominador, prossegue sua caminhada sinistra, espalhando a morte e o terror pelos quatro cantos desse mundo de Deus. E o que é pior, cassando ao homem e à mulher o direito sagrado que têm de fazer amor.

Nunca, em tempo algum, o amor e a morte andaram tão irmanados. Era como se, de repente, todos nós passássemos a viver, no mundo real, o clima fuliginoso e sombrio da tragédia shakespeareana de **Romeu e Julieta**, onde o amor e a morte são caminhos que, inexoravelmente, se cruzam.

Como no drama maldito dos **Montechios** e dos **Capuletos** da ficção inglesa, o ato do amor, no mundo infectado pela AIDS, pode ser o primeiro passo na direção do túmulo. Amar e morrer é o novo dilema do planeta terra, agora ameaçado, perigosamente, de extinção. E, por isso, estamos todos vivendo o doloroso transe de termos entrado numa encruzilhada quase sem saída.A AIDS, como se sabe, nos imergiu a todos no poço fundo de um impasse incontornável e sem solução. Se decidirmos amar, esta decisão poderá ser a nossa sentença de morte. Se decidirmos não amar, morreremos também, desta feita por completa ausência de quem nos substitua nos cenários do mundo.

Como se vê, o futuro da terra, minada pelo medo da AIDS, poderá ser o seu total despovoamento. Vazia do amor, como na lenda do navio fantasma, que voga solitário na imensidão dos mares, a terra, sem homens, vogará, também, sinistramente, na imensidão do oceano das galáxias. Passará a ser, provavelmente, o planeta fantasma do infinito.

Tudo isso, que é muito triste e muito trágico, nos obriga a tomar uma dramática decisão. Entre morrer amando, ou morrer sem amar, não resta dúvida de que a primeira opção ainda é a melhor.

E por ser a melhor, é que devemos todos, todos mesmo, sem qualquer temor ao flagelo da AIDS, continuar amando. Está provado que a fé no amor tem operado milagres. E é possível que continue sendo assim. Há de chegar o dia, quem sabe, em que o amor, pelos seus dons sobrenaturais, vai acabar vencendo essa guerra.

Para que isso aconteça, é preciso amar. Amar sem receios, sem tréguas, sem limites. É necessário que nos lancemos à deleitosa aventura do amor total, como no soneto de Vinicius.

Só assim, vamos vencer esse terrível flagelo dos dias de hoje. A palavra de ordem, portanto, é uma só: Todos ao amor.

PORQUE HOJE É SÁBADO

Para os que conhecem o poema de Vinícius, o título escolhido não causará surpresa. O sábado sempre foi um dia carregado de sortilégios. E, por isso, escolhi o sábado para penetrar, cauteloso e cismarento, os misteriosos domínios da morte. Tudo isso vem a propósito de um ilustre e estranho visitante, que aportou no país, na semana passada. Trata-se do famoso sociólogo francês, **monsieur Thomas** presidente da Sociedade de Tanatologia de Paris. Na entrevista, que concedeu ao Jornal do Brasil, o sr. **Thomas**, que é também autor de cinco livros sobre assuntos funerários, revelou que a sociedade que dirige conta hoje com 700 associados. Entre eles, figuram antropólogos, filósofos, romancistas, poetas, musicistas e matemáticos.

Vê-se, assim, que os novos devotos de **Tanatos** se espalham, com furor ubíquo, por todos os ramos da ciência humana. Esses homens, graves e soturnos, dedicados aos enigmas do além, estão realizando um trabalho **sui generis**, improvável no passado, ao iniciar um processo de desmistificação da Morte. Confesso que li a reportagem de pelos eriçados e frieza na espinha, pois não consegui, até hoje, me libertar dos medos medonhos que a malvada ceifeira sempre me inspirou.

Conservo, pelo tempo afora, virginalmente intacta, minha fiel tanatofobia, companheira de tantos anos. Penso tê-la adquirido, quem sabe,

na infância distante e, ainda hoje, tirânica e feroz, me faz encarar a morte como a mais hedionda e truculenta besta do tenebroso Apocalipse. De nada adiantaram as leituras dos livros espíritas, os longos papos com Carlos Romero e Hélio Zenaide, dois kardecistas convictos, as promessas de paraíso da crença católica da infância. A morte, para mim, continua, solene e intangível, como um ser monstruoso, de imensa bocarra aberta, a ameaçar a humanidade, com a negra e irremediável escuridão da cova.

Às vezes, torno-me até inconveniente nos enterros, quando escuto aquele papo furado, vazado em clichês desbotados, tão comuns nas cerimônias fúnebres. Quando me dizem que à morte é um fato biológico, que deve ser aceito, ou que é uma libertação dos sofrimentos da vida, fico a pensar como reagirá aquele auto-suficiente interlocutor quando a morte for a sua. Como ensinaram os filósofos existencialistas, a morte, como tema abstrato, não conta. O que conta, e nos enche de pavor, é a nossa própria morte. É, exatamente, aí, que, como diz o povo, a porca torce o rabo. Nada mais fácil do que falar sobre a morte dos outros.

Conheço até pessoas que guardam uma exótica gratidão aos amigos que morrem, pela oportunidade que lhes dão de fazer um comovido discurso fúnebre. Tudo isso é gratificante para os oradores vaidosos e sádicos. O choro convulso dos parentes, o silêncio sepulcral do cemitério, os esguios e tristes ciprestes por cenário e, sôlta no ar, a palavra emocionada, a arrancar mais soluços e mais sofrimentos da abatida e aniquilada platéia. Só o morto, empacotado no seu caixão, não participa dessa orgia de lágrimas. Todas essas reflexões me vieram por conta do **monsieur Thomas**, esse novo sacerdote de **Tanatos**. A essa altura acho difícil, quase impossível, mudar. Em mim — pobre de mim — continua vivo o horror da morte, tal como expresso nos versos revoltados de Augusto dos Anjos: "**Morte, ponto final da última cena/Forma difusa da matéria imbele/Minha filosofia te repele/ Meu raciocínio enorme te condena**".

Resumindo, com as minhas desculpas ao sociólogo francês, a morte, para mim, não é fato biológico, nem libertação, nem descanso. Ela é, isto sim, uma imensa tragédia. Uma tragédia absoluta, fatal e irremediável.

Viva a vida.

OS EX–MARIDOS EXPLORADOS

Um geólogo do Rio de Janeiro, de apenas 30 anos de idade, revoltado com o que ele classifica de discriminação legal contra os homens, criou, na cidade maravilhosa, a Associação dos Ex-Maridos Explorados.

A idéia de Álvaro Bertho dos Santos, que é o seu nome, vai, aos poucos, se espalhando por todo o país e, hoje, já existem associações idênticas nos estados do Amazonas, de Pernambuco, de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul.

A bandeira, levantada pelo mencionado geólogo carioca, pretende revogar a atual lei civil que obriga o ex-marido, separado pelo divórcio ou pelo desquite, de continuar pensionando sua ex-mulher pelo resto da vida. Segundo esses novos guerrilheiros do antifeminismo, essa obrigação legal não passa de uma excrescência, que continua penalizando o outrora chamado sexo forte, numa sociedade onde a igualdade de direitos entre os sexos já é uma indiscutível realidade.

O caráter vitalício da chamada pensão uxória, agora contestada pelos partidários do geólogo carioca, acabou por sensibilizar o senador Nelson Carneiro, que ficou conhecido pelas leis que patrocinou ao longo de toda a sua vida pública em favor dos direitos da mulher, sendo a mais célebre delas a lei do divórcio. O político carioca, que figura como um dos maiores donatários do voto feminino no Rio de Janeiro, convocado pela entidade

de classe, que congega os chamados ex-maridos explorados, já se comprometeu a apresentar no Congresso Nacional, tão logo seja possível, um projeto de lei que limite, no tempo, o atual dever que tem o marido de pensionar a sua ex-mulher.

De acordo com o futuro projeto do senador Nelson Carneiro, essa obrigação legal passa a ser temporária, estabelecendo-se para ela uma duração de, no máximo, cinco anos. Essa aparente vitória não esgotou,entretanto, a fúria odienta dos ex-maridos. Ao que parece, não fica só por aí essa guerra encetada contra nossas amazonas.

No Rio Grande do Sul, o presidente da associação dos ex-maridos lançou, também, a idéia de se criar em favor dos homens, a exemplo do que já existe no que diz respeito ao denominado sexo frágil, um Conselho de Defesa dos Direitos do Homem. Segundo ele, a democracia, sendo um regime de igualdade para todos, não pode, sem quebra dos seus princípios basilares, privilegiar as mulheres, como vem ocorrendo no Brasil. Ou todos são iguais, ou não há democracia.

Por outro lado, o revoltado gaúcho, que deseja contrair novas nupcias e que, até agora, não o fez em consequência da sangria que representa no seu magro orçamento o pagamento da pensão à sua ex-mulher, advoga, ainda, que se obriguem os efetivos femininos da polícia e das forças armadas a participar, a exemplo do que se faz com os homens, de missões perigosas. Para ele, as mulheres deviam estar presentes na repressão dos motins que se vêm sucedendo nas nossas penitenciárias.

Como se vê, a coisa parece séria e está prometendo uma briga feia. O que é mais grave nisso tudo é que, segundo consta, esse movimento de ex-maridos conta, também, com o apoio de muitas mulheres. Ao que se diz, com o crescente número de separações, que estão ocorrendo em todo o país, os maridos condenados ao pagamento de pensões às suas ex-mulheres ficam, por razões óbvias, impedidos de casar outra vez. E essa situação, aflitiva e incômoda, tem prejudicado, por via de consequência, o fluxo de uniões legais no chamado mercado matrimonial. Este fato, como é evidente, tem causado sérios prejuizos às mulheres em geral, sobretudo às viúvas e às descasadas que, por isso mesmo, ficam privadas de uma grossa fatia masculina para novas experiências conjugais.

O apoio que as mulheres vêm dando às chamadas associações dos ex-

maridos explorados se explica, facilmente. É que, como aconteceu no mercado de automóveis, recentemente, a revogação desse "compulsório conjugal" vai provocar uma abertura na oferta de "bens" no campo, hoje escasso, das relações matrimoniais no Brasil.

E é, por isso, que já estão dizendo: as feministas que se cuidem.

A GERAÇÃO DO ESPAÇO

Desde quinta-feira passada, depois de assistir a um programa na TV Globo sobre a conquista do espaço, que faço reflexões a respeito do futuro da humanidade.

A emissora do sr. Roberto Marinho, numa de suas grandes reportagens, me trouxe, na voz profética de Sérgio Chapellin, toda a nostalgia que sempre me inspiraram os mundos desconhecidos e imensos das galáxias. Apesar de não ser um apaixonado da chamada ficção científica, não me foi possível controlar os fluxos poderosos da emoção, que me invadiu, quando o programa terminou.

A reportagem da Globo, que tanto me comoveu, foi calcada em projeções, cientificamente prováveis, feitas pela agência NASA, que cuida, como se sabe, do programa de conquista do espaço, tendo como base de suas investigações o Centro de Estudos Espaciais de Houston, no Texas.

Os cientistas norteamericanos que, ao que tudo faz indicar, serão, ao lado dos cientistas soviéticos, os responsáveis maiores pelas futuras viagens interplanetárias, elaboraram uma agenda, que se estende até o ano 2050, no terceiro milênio. Nesta agenda, estão previstas as diversas incursões que o homem fará nos domínios, até agora, indevassáveis do Infinito.

É evidente, que o caminho a percorrer ainda será longo e, possivelmente, sujeito a acidentes. Mas, também é claro, nos dias que correm, que não

nos seria lícito duvidar de que a nova era cibernética, que se inaugurou sob os auspícios do computador, possibilite ao homem, em médio prazo, realizar a ambicionada conquista dos espaços siderais. A respaldar este desejo da ciência humana, estão aí os avanços, quase milagrosos, da chamada tecnologia de ponta.

A programação para essa incrível aventura já está elaborada, e dela o mundo já tomou conhecimento através de reportagens idênticas a que ora comentamos. De acordo com a agenda prevista , esse périplo espacial se iniciará, ainda no nosso século, e abrangerá a exploração pelos astronautas de todos os planetas do nosso sistema solar.

O coroamento dessa longa viagem pelo infinito será a exploração de uma estrela, já escolhida, e que figura como a última etapa da programação norteamericana. Foi, exatamente, essa viagem derradeira que me encheu de emoção. Segundo está planejado, ela começará no ano 2050 e, ainda conforme os cálculos dos cientistas de Houston, deverá ter a duração de 64 anos. A espaçonave em que viajarão esses futuros peregrinos das galáxias levará 60 anos para percorrer os caminhos de ida e de volta. Na estrela visitada, ponto terminal dessa fantástica romagem sideral, os astronautas passarão 4 anos em estudos e prospecções científicas.

O longo tempo, previsto para essa viagem, será coberto por duas gerações. Isso significa dizer que os que partirem da terra, como passageiros dessa longa viagem, a ela não mais voltarão. A partida, a exemplo do que acontecia nas antigas fábulas gregas sobre a morte, é definitiva. O rio do esquecimento da mitologia helênica, que era navegado pela barca do sinistro **Caronte**, se transmudará numa sofisticada nave espacial, a navegar também, solitariamente, pelos espaços azuis do infinito. E será, ali, na imensa tenda da amplidão sem fim, que ficarão para sempre os argonautas que partirem da terra nessa expedição sem retorno.

Por outro lado, se tudo correr bem, ao chegar de volta à terra, a espaçonave só trará dentro dela a nova geração dos filhos do espaço. Pessoas que, nascidas nos amplos cenários do Infinito, verão a terra pela primeira vez. Como será essa nova humanidade que foi incubada no ventre sem limites das regiões estelares? Que novos evangelhos virão com eles das solitárias montanhas siderais? Soltando as asas do sonho, foram essas as perguntas que me fiz, terminada a reportagem. Em seguida, inexplicavelmente,

PORQUE HOJE É SÁBADO

Para os que conhecem o poema de Vinícius, o título escolhido não causará surpresa. O sábado sempre foi um dia carregado de sortilégios. E, por isso, escolhi o sábado para penetrar, cauteloso e cismarento, os misteriosos domínios da morte. Tudo isso vem a propósito de um ilustre e estranho visitante, que aportou no país, na semana passada. Trata-se do famoso sociólogo francês, **monsieur Thomas** presidente da Sociedade de Tanatologia de Paris. Na entrevista, que concedeu ao Jornal do Brasil, o sr. **Thomas**, que é também autor de cinco livros sobre assuntos funerários, revelou que a sociedade que dirige conta hoje com 700 associados. Entre eles, figuram antropólogos, filósofos, romancistas, poetas, musicistas e matemáticos.

Vê-se, assim, que os novos devotos de **Tanatos** se espalham, com furor ubíquo, por todos os ramos da ciência humana. Esses homens, graves e soturnos, dedicados aos enigmas do além, estão realizando um trabalho **sui generis**, improvável no passado, ao iniciar um processo de desmistificação da Morte. Confesso que li a reportagem de pelos eriçados e frieza na espinha, pois não consegui, até hoje, me libertar dos medos medonhos que a malvada ceifeira sempre me inspirou.

Conservo, pelo tempo afora, virginalmente intacta, minha fiel tanatofobia, companheira de tantos anos. Penso tê-la adquirido, quem sabe,

na infância distante e, ainda hoje, tirânica e feroz, me faz encarar a morte como a mais hedionda e truculenta besta do tenebroso Apocalipse. De nada adiantaram as leituras dos livros espíritas, os longos papos com Carlos Romero e Hélio Zenaide, dois kardecistas convictos, as promessas de paraíso da crença católica da infância. A morte, para mim, continua, solene e intangível, como um ser monstruoso, de imensa bocarra aberta, a ameaçar a humanidade, com a negra e irremediável escuridão da cova.

Às vezes, torno-me até inconveniente nos enterros, quando escuto aquele papo furado, vazado em clichês desbotados, tão comuns nas cerimônias fúnebres. Quando me dizem que à morte é um fato biológico, que deve ser aceito, ou que é uma libertação dos sofrimentos da vida, fico a pensar como reagirá aquele auto-suficiente interlocutor quando a morte for a sua. Como ensinaram os filósofos existencialistas, a morte, como tema abstrato, não conta. O que conta, e nos enche de pavor, é a nossa própria morte. É, exatamente, aí, que, como diz o povo, a porca torce o rabo. Nada mais fácil do que falar sobre a morte dos outros.

Conheço até pessoas que guardam uma exótica gratidão aos amigos que morrem, pela oportunidade que lhes dão de fazer um comovido discurso fúnebre. Tudo isso é gratificante para os oradores vaidosos e sádicos. O choro convulso dos parentes, o silêncio sepulcral do cemitério, os esguios e tristes ciprestes por cenário e, sôlta no ar, a palavra emocionada, a arrancar mais soluços e mais sofrimentos da abatida e aniquilada platéia. Só o morto, empacotado no seu caixão, não participa dessa orgia de lágrimas. Todas essas reflexões me vieram por conta do **monsieur Thomas**, esse novo sacerdote de **Tanatos**. A essa altura acho difícil, quase impossível, mudar. Em mim — pobre de mim — continua vivo o horror da morte, tal como expresso nos versos revoltados de Augusto dos Anjos: "**Morte, ponto final da última cena/Forma difusa da matéria imbele/Minha filosofia te repele/ Meu raciocínio enorme te condena**".

Resumindo, com as minhas desculpas ao sociólogo francês, a morte, para mim, não é fato biológico, nem libertação, nem descanso. Ela é, isto sim, uma imensa tragédia. Uma tragédia absoluta, fatal e irremediável.

Viva a vida.

OS EX–MARIDOS EXPLORADOS

Um geólogo do Rio de Janeiro, de apenas 30 anos de idade, revoltado com o que ele classifica de discriminação legal contra os homens, criou, na cidade maravilhosa, a Associação dos Ex-Maridos Explorados.

A idéia de Álvaro Bertho dos Santos, que é o seu nome, vai, aos poucos, se espalhando por todo o país e, hoje, já existem associações idênticas nos estados do Amazonas, de Pernambuco, de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul.

A bandeira, levantada pelo mencionado geólogo carioca, pretende revogar a atual lei civil que obriga o ex-marido, separado pelo divórcio ou pelo desquite, de continuar pensionando sua ex-mulher pelo resto da vida. Segundo esses novos guerrilheiros do antifeminismo, essa obrigação legal não passa de uma excrescência, que continua penalizando o outrora chamado sexo forte, numa sociedade onde a igualdade de direitos entre os sexos já é uma indiscutível realidade.

O caráter vitalício da chamada pensão uxória, agora contestada pelos partidários do geólogo carioca, acabou por sensibilizar o senador Nelson Carneiro, que ficou conhecido pelas leis que patrocinou ao longo de toda a sua vida pública em favor dos direitos da mulher, sendo a mais célebre delas a lei do divórcio. O político carioca, que figura como um dos maiores donatários do voto feminino no Rio de Janeiro, convocado pela entidade

de classe, que congega os chamados ex-maridos explorados, já se comprometeu a apresentar no Congresso Nacional, tão logo seja possível, um projeto de lei que limite, no tempo, o atual dever que tem o marido de pensionar a sua ex-mulher.

De acordo com o futuro projeto do senador Nelson Carneiro, essa obrigação legal passa a ser temporária, estabelecendo-se para ela uma duração de, no máximo, cinco anos. Essa aparente vitória não esgotou, entretanto, a fúria odienta dos ex-maridos. Ao que parece, não fica só por aí essa guerra encetada contra nossas amazonas.

No Rio Grande do Sul, o presidente da associação dos ex-maridos lançou, também, a idéia de se criar em favor dos homens, a exemplo do que já existe no que diz respeito ao denominado sexo frágil, um Conselho de Defesa dos Direitos do Homem. Segundo ele, a democracia, sendo um regime de igualdade para todos, não pode, sem quebra dos seus princípios basilares, privilegiar as mulheres, como vem ocorrendo no Brasil. Ou todos são iguais, ou não há democracia.

Por outro lado, o revoltado gaúcho, que deseja contrair novas nupcias e que, até agora, não o fez em consequência da sangria que representa no seu magro orçamento o pagamento da pensão à sua ex-mulher, advoga, ainda, que se obriguem os efetivos femininos da polícia e das forças armadas a participar, a exemplo do que se faz com os homens, de missões perigosas. Para ele, as mulheres deviam estar presentes na repressão dos motins que se vêm sucedendo nas nossas penitenciárias.

Como se vê, a coisa parece séria e está prometendo uma briga feia. O que é mais grave nisso tudo é que, segundo consta, esse movimento de ex-maridos conta, também, com o apoio de muitas mulheres. Ao que se diz, com o crescente número de separações, que estão ocorrendo em todo o país, os maridos condenados ao pagamento de pensões às suas ex-mulheres ficam, por razões óbvias, impedidos de casar outra vez. E essa situação, aflitiva e incômoda, tem prejudicado, por via de consequência, o fluxo de uniões legais no chamado mercado matrimonial. Este fato, como é evidente, tem causado sérios prejuízos às mulheres em geral, sobretudo às viúvas e às descasadas que, por isso mesmo, ficam privadas de uma grossa fatia masculina para novas experiências conjugais.

O apoio que as mulheres vêm dando às chamadas associações dos ex-

maridos explorados se explica, facílmente. É que, como aconteceu no mercado de automóveis, recentemente, a revogação desse "compulsório conjugal" vai provocar uma abertura na oferta de "bens" no campo, hoje escasso, das relações matrimoniais no Brasil.

E é, por isso, que já estão dizendo: as feministas que se cuidem.

A GERAÇÃO DO ESPAÇO

Desde quinta-feira passada, depois de assistir a um programa na TV Globo sobre a conquista do espaço, que faço reflexões a respeito do futuro da humanidade.

A emissora do sr. Roberto Marinho, numa de suas grandes reportagens, me trouxe, na voz profética de Sérgio Chapellin, toda a nostalgia que sempre me inspiraram os mundos desconhecidos e imensos das galáxias. Apesar de não ser um apaixonado da chamada ficção científica, não me foi possível controlar os fluxos poderosos da emoção, que me invadiu, quando o programa terminou.

A reportagem da Globo, que tanto me comoveu, foi calcada em projeções, cientificamente prováveis, feitas pela agência NASA, que cuida, como se sabe, do programa de conquista do espaço, tendo como base de suas investigações o Centro de Estudos Espaciais de Houston, no Texas.

Os cientistas norteamericanos que, ao que tudo faz indicar, serão, ao lado dos cientistas soviéticos, os responsáveis maiores pelas futuras viagens interplanetárias, elaboraram uma agenda, que se estende até o ano 2050, no terceiro milênio. Nesta agenda, estão previstas as diversas incursões que o homem fará nos domínios, até agora, indevassáveis do Infinito.

É evidente, que o caminho a percorrer ainda será longo e, possivelmente, sujeito a acidentes. Mas, também é claro, nos dias que correm, que não

nos seria lícito duvidar de que a nova era cibernética, que se inaugurou sob os auspícios do computador, possibilite ao homem, em médio prazo, realizar a ambicionada conquista dos espaços siderais. A respaldar este desejo da ciência humana, estão aí os avanços, quase milagrosos, da chamada tecnologia de ponta.

A programação para essa incrível aventura já está elaborada, e dela o mundo já tomou conhecimento através de reportagens idênticas a que ora comentamos. De acordo com a agenda prevista , esse périplo espacial se iniciará, ainda no nosso século, e abrangerá a exploração pelos astronautas de todos os planetas do nosso sistema solar.

O coroamento dessa longa viagem pelo infinito será a exploração de uma estrela, já escolhida, e que figura como a última etapa da programação norteamericana. Foi, exatamente, essa viagem derradeira que me encheu de emoção. Segundo está planejado, ela começará no ano 2050 e, ainda conforme os cálculos dos cientistas de Houston, deverá ter a duração de 64 anos. A espaçonave em que viajarão esses futuros peregrinos das galáxias levará 60 anos para percorrer os caminhos de ida e de volta. Na estrela visitada, ponto terminal dessa fantástica romagem sideral, os astronautas passarão 4 anos em estudos e prospecções científicas.

O longo tempo, previsto para essa viagem, será coberto por duas gerações. Isso significa dizer que os que partirem da terra, como passageiros dessa longa viagem, a ela não mais voltarão. A partida, a exemplo do que acontecia nas antigas fábulas gregas sobre a morte, é definitiva. O rio do esquecimento da mitologia helênica, que era navegado pela barca do sinistro **Caronte**, se transmudará numa sofisticada nave espacial, a navegar também, solitariamente, pelos espaços azuis do infinito. E será, ali, na imensa tenda da amplidão sem fim, que ficarão para sempre os argonautas que partirem da terra nessa expedição sem retorno.

Por outro lado, se tudo correr bem, ao chegar de volta à terra, a espaçonave só trará dentro dela a nova geração dos filhos do espaço. Pessoas que, nascidas nos amplos cenários do Infinito, verão a terra pela primeira vez. Como será essa nova humanidade que foi incubada no ventre sem limites das regiões estelares? Que novos evangelhos virão com eles das solitárias montanhas siderais? Soltando as asas do sonho, foram essas as perguntas que me fiz, terminada a reportagem. Em seguida, inexplicavelmente,

me inundou um desejo mal definido, possivelmente oriundo dos desvãos mais íntimos do meu inconsciente, de ser, também eu, um dos participantes dessa odisséia no espaço.

FLORES PARA AS TELEFONISTAS

Segunda-feira, vinte e nove de junho, marca, no calendário do mundo inteiro, um dia muito especial. É o dia dedicado à telefonista. Fico a pensar, o que seria das comunicações que movimentam os negócios do universo e selam ou revogam as juras de amor entre os amantes distantes sem a presença angelical e tutelar da telefonista. Quase sem saber, essa legião abençoada de mulheres que forma, hoje, o poderoso e moderno exército da era da informática, desempenha um papel inestimável na vida de todos e de cada um de nós.

São elas, essas modernas ninfas do diálogo eletrônico, que servem de elo permanente entre as pessoas que se encontram separadas pelo vácuo das distâncias. É, ainda, através de sua intervenção, ao manipular a complicada parafernália da telefonia contemporânea, que podemos, de qualquer lugar do globo, ouvir a voz do ente querido que, muitas vezes, se encontra a milhares de léguas de distância. E, com isso, ainda por intermédio delas, estancar as ansiedades que a separação produz nos nossos sofridos corações.

Não sei se o escocês **Graham Bell**, que também era professor de fisiologia, terá avaliado, ao inventar o telefone, todos os desdobramentos e implicações que a sua descoberta ia ter no futuro. É bem possível que ele não tenha visualizado, num lance de clarividência prospectiva, todas as conseqüências de sua milagrosa invenção. Mas, parece não restar dúvidas de

que o sábio de Edimburgo desconfiava de que, ao inventar o telefone, estava operando uma mudança fundamental no largo campo das relações humanas.

Mesmo assim, tudo isso só foi possível graças ao trabalho apostolar dessas humildes operárias da idade cibernética, que são as telefonistas. Sem elas, jamais se teria composto essa magnífica e fabulosa sinfonia que inunda os espaços livres do universo com a caravana de sons, invisíveis e fugidios, produzidos, em vertiginosa velocidade, pelas ondas eletromagnéticas do mundo físico.

As telefonistas continuam sendo as rosas humanas que perfumam e alegram esse imenso jardim da era eletrônica. E é, por isso, que elas merecem ser festejadas. Seu trabalho, que se desenvolve, humilde e discretamente, nos reduzidos limites de uma pequena cabine, nos dão a possibilidade de varar, como estranhos **mercúrios** dos tempos atuais, todos os quadrantes do planeta em poucos segundos. Elas, por assim dizer, nos franqueiam um permanente **trottoir** pelos descampados azuis do firmamento.

É evidente, que esses inestimáveis serviços, que nos prestam as telefonistas, nos impõem um dever de gratidão eterna para com todas elas. Eu, por mim, se me fosse possível, comemoraria essa data enviando braçadas de flores, oriundas de toda parte do mundo, para enfeitar o seu dia. Rosas de Israel, tulipas da Holanda, orquídeas da Nigéria e gerânios do Brasil, a formar um buquê internacional para celebrar a data da telefonista. Mas, por não ser possível a concretização desse desejo que tenho, mando-lhes, apenas, as palavras da crônica que hoje é dedicada a elas.

E, com isso, entendo que não lhes mando pouco. É que me convenci, já há algum tempo, graças ao poeta Castro Alves, que "as palavras de afeição também são flores".

Meus parabéns, telefonistas do Brasil.

UM NOVO CAPITÃO BLOOD

Tenho chegado à conclusão, de uns anos para cá, de que o maior vidente da natureza humana, que já existiu, foi, sem dúvida nenhuma, o notável psicanalista austríaco, Sigmund Freud. É, que ele, como ninguém, entreviu, num "**insight**" genial, ocorrido durante as suas pesquisas, que a natureza do homem é dominada pelo instinto da agressão. Com isso, ele chegou, também, à sua sombria previsão, segundo a qual, a guerra, como expressão da vida coletiva, jamais seria extirpada da história da humanidade.

Ao contrário do próprio Marx, que acreditava na redenção do homem na sociedade comunista, ocasião em que, na sua opinião, se instauraria no mundo uma era de paz e de amor, Freud, que era um materialista convicto, nunca se deixou contaminar pela força da vertente judaico-cristã de nossa civilização ocidental, que tanta influência exerceu sobre a obra do criador do socialismo científico.

Agora mesmo, a confirmar as teses freudianas, estamos presenciando, na chamada maior democracia do globo terrestre, um processo de deificação de um notório celerado, sedento de sangue e de destruição, e que foi o principal envolvido no recente escândalo de contrabando de armas para a América Latina. Esse contrabando ficou conhecido pelo nome hoje famoso de **Iran-Gates**.

Segundo a imprensa mundial, o Cel. Oliver North, que comandou a operação mais suja de quantas já se fizeram para esmagar o regime sandinista, na Nicarágua, está sendo considerado o mais novo herói da democracia do seu país. O depoimento, que está prestando no Congresso americano, que investiga esse assunto, tem batido todos os recordes de audiência da TV ianque.

Em muitos estados da nação de **Lincoln,** grupos fanáticos se organizam para iniciar o culto da idolatria, que se vai espalhando, em torno do famigerado algoz do povo nicaraguense. Por outro lado, numerosas caravanas de norteamericanos, vindas de todos os recantos do país, estão chegando a Washington para ver e venerar, publicamente, esse novo **Capitão Blood** que apareceu em terras do **Tio Sam.**

Ao que tudo faz crer, o Cel. North, que deveria sair do Congresso americano para o presídio de **Sing-Sing,** afim de pagar os muitos crimes que cometeu, vai, ao contrário, trilhar outros caminhos que poderão inclusive levá-lo, quem sabe, à própria Casa Branca.

A essa altura dos acontecimentos, com o frenesi coletivo que cerca a figura sanguinária do coronel **iran-gates,** é provável que ele se transforme, em futuro próximo, numa nova besta apocalíptica do mundo moderno e possa, então, realizar, exatamente, aquilo que seu atual chefe, o presidente Ronald Reagan, sonhou em fazer e não pode, isto é, o holocausto nuclear.

Por tudo isso, o mundo inteiro continua com os olhos pregados em Washington, à espera do que vai acontecer nesse rumoroso julgamento. É que, apesar da reação da maioria democrata, que compõe o Congresso dos E.U.A., que foi traído e enxovalhado pelo Cel. North, ao que parece, por força da tradição cultural de violência no país, o Cel. North vai se sair bem.

O Congresso americano, que desejava punir um criminoso, inveterado transgressor das leis do país, está fabricando, talvez sem querer, um novo herói da nação.

Ao que se espera, se isso vier a acontecer, a nação americana, mais uma vez, ratificando os vaticínios de Sigmund Freud, terá abandonado os caminhos da paz e da concórdia de **Luther King** e de **Kennedy**, para trilhar as veredas escuras da guerra e do crime de **Dillinger** e de **Al Capone.**

Como se pode ver, o que está ocorrendo é mais do que uma questão

de opção, ao ter-se de transitar entre a guerra e a paz. Pelo que está parecendo, o episódio Oliver North é uma fatalidade do destino. Por isso, mesmo contra a nossa vontade, temos que concordar com o criador da psicanálise.

MEU REINO POR UM AMOR

Como um antigo ancestral seu, de linhagem anglo-saxonica, o ex-senador americano Gary Hart naufragou, em sua bem sucedida arrancada na direção da Casa Branca, envolvido pelos filtros amorosos irresistíveis de uma modelo profissional da Flórida.

O velho rei britânico, que queria trocar o seu reino por um cavalo, foi mais feliz do que seu longínquo descendente. Lá, na velha **Albion** do passado, o monarca, não conseguindo o cavalo, conservou suas regalias reais. Aqui, em terras da próspera colônia, ao contrário, o ex-senador do Colorado perdeu as chances de chegar ao mais cobiçado cargo do planeta – Presidente dos E.U.A.

Gary Hart passa, assim, a ser mais uma vítima do amor, flagrado, que foi, pela bisbilhotice da indiscreta inprensa de Tio Sam.

O encontro amoroso, que arruinou as pretensões presidenciais de Hart, ocorreu na cidade de Washington.. Aproveitando a ausência eventual da esposa, em viagem por outro estado americano, o ex-senador se valeu da ocasião para "refazer" as energias gastas na campanha presidencial. Entendeu ele, que a melhor forma de consegui-lo seria através de uma trégua de amor. E, foi assim, que, naquela noite aziaga para o futuro de Gary Hart, desembarcou, em Washington, procedente de Miami, a atriz Donna Rice, de 29 anos de idade e, por coincidência, dona também de invejáveis dotes de beleza física.

O encontro amoroso, apesar das cautelas normais de que se cercam os amantes, foi, no entanto, devidamente documentado pela indiscrição dos fotógrafos. E, logo, no outro dia, o escândalo estourou em toda a imprensa americana. O ex-senador, pilhado em adultério, ainda lutou por minimizar as coisas. Para tanto, convenceu sua esposa Lee, vítima da infidelidade de Hart, a com ele aparecer perante as câmeras de TV e, com isso, desfazer a rede de intrigas que se alastrava por todo o país. O escarcéu sensacionalista, fatalmente, indisporia o ex-senador com a classe média americana, que não absorve, por resquícios advindos da rígida moral vitoriana, a traição conjugal.

Mas, já era tarde. A performance, que Hart obtivera nas pesquisas de opinião, antes do caso com Donna, desabou em poucas horas 10 pontos percentuais. E o que restava a Hart, diante da triste evidência, era desembarcar, o mais depressa possível, da candidatura presidencial. Foi o que fez.

Além do prejuízo político, que já era grande, Hart ainda se viu humilhado, na sua dignidade masculina, pelas declarações da sua parceira de **entrevero** amoroso. Donna Rice, ao ser abordada pelos repórteres sobre o seu encontro com Hart, descartou a hipótese do mesmo, alegando que, se tivesse de fazer amor com alguém, seria com um jovem de sua idade e nunca com um cansado **cinquentão.**

No Colorado, onde se encontra, em companhia da mulher e dos filhos, o ex-senador amarga o sofrimento que resultou dessa desastrada odisséia nos domínios do amor. É que, no final, além de perder a candidatura, que poderia levá-lo à Casa Branca, com as declarações da amante, Hart saiu, também, atingido na sua própria condição de homem, tendo a sua virilidade colocada,publicamente, sob vexatória suspeição.

O NOVO HERÓI DA ALEMANHA

O jovem piloto alemão, Mathias Rust, que, na semana passada, desceu, suavemente, com seu pequeno avião Cessna nos espaços "sagrados" da **Praça Vermelha**, é o mais novo herói do mundo contemporâneo. Sua aventura extraordinária, que o levou a varar os céus gelados do mar do Norte e, em seguida, a adentrar, sem ser percebido, 700 quilômetros do espaço aéreo soviético, deixa para trás todas as façanhas do agente secreto 007, que foi o grande campeão da ficção cinematográfica norteamericana na década de 60.

Segundo informa a imprensa de todo o mundo, o jovem estudante da cidade de Hamburgo, que já foi batizado por seus conterrâneos com o nome lendário de "o piloto do **Kremilin**", se transformou numa glória nacional e a sua casa, como um novo santuário da Alemanha Ocidental, vem sendo visitada por jornalistas e fotógrafos de todo o país. A exemplo do imortal escritor francês, Antoine de Saint-Exupéry, que foi o maior apaixonado da aviação de todos os tempos, o jovem Mathias Rust, segundo as revelações de uma colega de colégio, chamada Andrea Kuhn, desejava surpreender o mundo realizando, como ele próprio confessava, "uma coisa importante".

Esse objetivo, que guardava nos desvãos mais íntimos do seu coração sonhador, terá desencadeado a decisão de empreender a empolgante via-

gem que fez. Viagem que terminaria por levá-lo do pequeno aeroclube da cidade de Hamburgo, no sudeste europeu, até o território sacral da **Praça Vermelha**, nas proximidades do polo , local onde dormem, cercados pela devoção dos russos, os maiores heróis da Revolução Bolchevista.

A aventura inconcebível desse novo Santos Dumont, a desafiar, no seu pequeno avião, uma das mais sofisticadas estruturas de defesa aérea do globo, já causou à União Soviética sérios dissabores e pesadas humilhações. A demissão do Ministro da Defesa e do seu vice-ministro estão a indicar o grau de perplexidade e de revolta que se abateu, com o vôo de Rust, sobre o politiburo soviético.

É possível que o vôo solitário desse **Ícaro** moderno, disvirginando as frias amplidões dos cinzentos céus eslavos, venha reforçar, mesmo sem qualquer intenção, os esforços que vêm sendo feitos em favor da paz mundial. Sua fantástica viagem, que transforma em realidade os antigos devaneios de Leonardo da Vinci e de Júlio Verne, acabará reforçando as teses pacifistas do líder Mikhail Gorbachev que, como um apóstolo obstinado entre os povos, vem percorrendo o mundo a serviço de uma política de conciliação entre as grandes potências.

Mathias Rust, a partir de agora, como os muitos mitos que povoam a saga histórica dos **Nibelungen**, passará a integrar a rica tradição mágica da terra dos germanos.

E, certamente, terá um lugar, ao lado de Santos Dumont e dos irmãos Wright, na legendária história da aviação.

•

A DAMA DE FERRO

Pela terceira eleição consecutiva, Margareth Thatcher, pela vontade do povo inglês, vai permanecer no poder. A líder britânica do partido conservador, com essa nova vitória, realiza um fato inédito na história política da velha **Albion**. É que, até então, antes dela, na Inglaterra nenhum partido conseguira, por três vezes, sem interrupção, ficar no governo do país.

Com esse feito, extraordinário sob todos os títulos, Margareth Thatcher se eleva a uma posição ímpar entre aqueles que, no passado, exerceram na Inglaterra o cargo de primeiro ministro. Nem o próprio Churchill, o velho **buldogue** da heróica resistência da segunda guerra mundial, obteve do seu povo a confiança para um terceiro mandato.

Como se vê, a **Dama de Ferro**, como lhe chamam hoje os ingleses, passa a ocupar, com o sucesso eleitoral de sua última campanha, um lugar solitário e de inigualável destaque nos fastos políticos do antigo reino de **Oliver Cromwell**.

Os analistas da imprensa mundial, ao registrarem o fato, o explicam sempre dentro de uma gama variada de argumentos. Mas, todos eles, apesar de distanciados, muitas vezes, nas suas respectivas interpretações, são unânimes em ressaltar a força carismática que emoldura a atual primeira-ministra, carisma este que entra sempre como componente privilegiado na história dos seus repetidos sucessos.

Margareth Thatcher é, por assim dizer, a expressão viva de um orgulho histórico que ainda não morreu dentro do coração do inglês. Ela simboliza, com a sua determinação e com a sua intransigência, as velhas sagas de conquista e de bravura, que encheram de glória o passado remoto dessa pequena ilha do mar da Mancha.

Com ela, os ingleses revivem, como num sonho de grandeza que continuasse, as figuras lendárias de Ricardo Coração de Leão e da rainha Isabel, sobretudo dessa última que foi a responsável maior pela aventura marítima desses valentes corsários do mar do Norte. Corsários, diga-se ainda, que fundariam na terra, em tempos já longinquos, o segundo maior império da história humana.

Como Mussolini na Itália, a prometer aos descendentes dos romanos a restauração dos caminhos gloriosos trilhados pelos **Cesares**, e de Hitler, na Alemanha, a acenar para o povo guerreiro dos teutões com o III Reich, que devia durar mil anos, a Dama de Ferro, na Inglaterra, garante ao povo inglês a manutenção de uma tradição de coragem e de obstinação que, juntos, fizeram a grandeza de sua história no passado e que poderão fazê-la outra vez no futuro.

Margareth Thatcher leva aos ingleses essa crença, dentro dos humildes espaços de uma moldura democrática, tão ao gosto dos hábitos de despojamento do puritanismo, sem nunca lançar mão das fantasias teatrais, que assinalaram as técnicas propagandísticas dos fascistas e dos nazistas em passado recente.

Essa garantia que Thatcher dá aos ingleses, hoje, não é pouco. Os britânicos sabem que repetir um passado tão glorioso não será fácil. Mas, nem por isso, se proíbem do direito de sonhar com a volta desse passado. E a primeira-ministra, ao que parece, representa, exatamente, para eles a garantia de que necessitam para esse mergulho delicioso no exercício da esperança.

O ROMANCISTA E A TERRA

Nenhum romancista brasileiro está mais próximo da terra do que Zé Lins do Rego. A paisagem rural, onde se localiza o mundo de sua infância, foi reconstituída em seus romances com uma força inusitada de paixão telúrica. Não seria exagero afirmar-se que a natureza é a principal personagem dos livros do autor de "Fogo Morto". Virgínius da Gama e Melo já o notara. Em estudo crítico sobre o escritor, publicado nos idos de 57, no Jornal do Commercio, do Recife, o ensaísta paraibano abordou o problema do "vegetalismo" nos livros de Zé Lins. A terra não é, apenas, o habitat neutro por onde vagueiam os viventes do Santa Rosa e do Santa Fé, mas a mãe, generosa e farta, "com o cheiro de flores abertas e o cheiro de fruta madura", a "parir tudo" de que o homem necessita. É, ainda, a terra, com suas estradas "branqueadas pelo luar" e "cheirando a caju maduro", que vai abrigar o seleiro Zé Amaro, nas vascas da agonia, a estender-se "bem junto da terra", "como na maior cama do mundo". É ela, também, – a terra de massapê da Ribeira, fecundada pelo húmus das cheias do Paraíba e acamada de canaviais – que fará a grandeza do coronel Zé Paulino, transformando o Santa Rosa no pólo irradiador do mandonismo político e do prestígio social da região do açúcar. São ainda suas moitas de cabreira e a soturna escuridão das cajazeiras da várzea que vão proteger o bando de Antonio Silvino, pai dos pobres e inimigo dos ricos, contra as investidas dos "macacos" do tenente Maurício.

Finalmente, é o amor da terra que faz germinar, no coração do mestre Zé Amaro, as sementes da revolta contra a injustiça social. A consciência da luta de classes, a separar por um fosso intransponível os possuidores dos "despossuídos", é gerada, também, pela terra, que se entranhou para todo o sempre no mundo "triste e desgraçado" de Zé Lins do Rego. Nas suas descrições, como nas de Lawrence, o mundo invisível das coisas se movimenta e participa ativamente dos dramas humanos. A lua "bota a cabeça de fora" para acompanhar os passeios sem destino do mestre Zé Amaro, que vai com a "noite dentro da alma", o coração batendo "com arrancos de açude arrombado", a ouvir a saparia enchendo o mundo de um gemer sem fim".Até as almas penadas, em noites de "quarto de defunto", vociferam pedindo reza sob o manto do firmamento "com as estrelas pinicando na escuridão".

A terra em Zé Lins, com sua fauna e sua flora, é um componente indissociável das personagens. O cenário, onde se desenrola a ação romanesca, ostenta uma funcionalidade quase afetiva, ajudando ou obstaculando o resultado desejado pelos atores do drama. Eles próprios se imantam dos sortilégios da natureza. O mestre Zé Amaro tem os dentes amarelos, da cor da terra, qual novo Adamastor dessa epopéia dos canaviais. Lula de Holanda, o dono do Santa Fé, é na boca de Vitorino Papa Rabo "mofino que só galinha" e vive "com luxo de gata parida". E na hora derradeira da derrocada econômica, o próprio Santa Fé vai sendo coberto pelo melão de São Caetano, símbolo trágico da morte com que a natureza marca os engenhos de "fogo morto".

Homem da terra e do povo, a literatura de Zé Lins do Rego é singular, inconfundível, única. Sendo mais da "terra do que de livros", concordamos com Otto Maria Carpeaux ao proclamar, no prefácio de "Fogo Morto", que "esse menino dé engenho é o maior escritor do Brasil".

O VELHO E O MAR

Acabei de ler em Camboinha a novela de Hemingway. E a lí, afagado pelas brisas da praia, sob as vistas do mar. Chego a corar, até sozinho, quando confesso que não a conhecia. Eu, velho leitor do contista de "Águas Correntes", apaixonado por Ingrid Bergman, que encarnou a personagem inesquecível de "Por quem os sinos dobram", história trágica de sangue e de luto em terras de Espanha, não lera ainda a obra-prima do grande escritor americano.

O livro, sóbrio e enxuto, como todas as coisas puras, é um imenso manancial de sabedoria e de beleza. Hemingway, homem da natureza, era, como Camus, um eterno seduzido do mar e das florestas. Entre as águas límpidas de Cuba e a cerrada selva africana, ele passou boa parte de sua vida. E é esse gosto autêntico da vida natural que transpira em toda a sua vasta e imortal obra de escritor... O velho Santiago, devastado pelos anos e pela má sorte, resolve um dia desafiar os caminhos desconhecidos do oceano. Levava dentro do coração uma fé inquebrantável e tinha o espírito encouraçado por uma coragem de herói. E, assim, provido, singra o velho pescador as águas escuras do mar alto, "com os olhos alegres e indomáveis", para o encontro que o destino lhe reservara com o grande e valente espadarte da costa cubana. Toda a trama novelesca se articula nessa batalha renhida e quase interminável que Santiago travará com o imenso peixe. Na novela

de Hemingway, está inscrito e retratado o grande painel do destino humano, no qual o homem, perdido e perplexo na imensidão do mundo, se exaure em guerrear, sem vitória, as forças indomáveis da natureza. Santiago, o velho pescador, ganhará a luta. O gigantesco peixe termina por ser capturado pelo incansável lutador. Mas tudo não passa de um sucesso aparente, enganoso e fugaz, como a própria vida. Terminada a primeira batalha, submetido o poderoso peixe ao domínio do pescador, começa a outra guerra. Os tubarões, furiosos e predadores, vão aos poucos devorando o gigantesco espadarte que o velho Santiago fisgara. E recomeça a luta desesperada entre o velho pescador e essa legião tenebrosa dos ladrões do mar. No fim, sozinho e exausto, Santiago volta à sua cabana, deixando à beira-mar, para espanto de todos, sua pobre canoa ladeada por um imenso esqueleto de um peixe gigantesco. E somos nós, os leitores, que vamos aprendendo as grandes lições de vida da ficção de Hemingway. Que será a existência de todos nós senão a repetição dessa aventura desastrosa do velho Santiago? Onde se escondem hoje os "espadartes", grandes e poderosos, dos nossos sonhos adolescentes? Em que mares ignotos e obscuros foram parar nossos mais acalentados desejos? Todos eles, para os que, como eu, já dobraram o Cabo das Tormentas, são esqueletos colossais, sepultados no tempo que passou, como o imenso peixe do velho Santiago. Hemingway, como um pintor bíblico, de grandeza incomensurável, recriou o destino humano na sua novela imortal — O Velho e o Mar.

O CINQUENTENÁRIO DO POETA

Vanildo Brito, aos 50 anos, volta a falar. O poeta, que merecia uma maratona de louvores dos seus contemporâneos, inclusive com efígie de pedra e cal entronizada na praça e com muitas coroas de pâmpanos e de louros para engalanar condignamente o seu cinquentenário, preferiu, dentro do estilo dadivoso que marca o seu navêgo existencial, ao invés de receber, dar outra vez.

E, por isso mesmo, a partir possivelmente da próxima terça-feira, as vitrines das livrarias da cidade estarão mais claras e mais coloridas com a presença do seu novo livro. "Um livro duplo, acumulado de tempo e de afeto", como assinala com precisão e rara felicidade Ângela Bezerra de Castro, que o prefaciou.

"Sinal das Horas e Cantigas de Amor para Inalda" saem irmanados no corpo de um livro só. Ao que parece, fez bem o poeta quando assim decidiu por juntá-los. Afinal de contas, como se irá compreender ao fim da leitura de ambos, se o tempo, no "Sinal das Horas", com o seu caruncho implacável destrói e aniquila a vida, o amor, com os seus misteriosos sortilégios, a restaura e a eterniza nas "Cantigas de Amor para Inalda".

Como nos melhores diálogos da música de Mozart, o poeta, com a magia do seu maduro e apurado artesanato artístico, encena em ritmo de contraponto uma realidade paradoxal da sua existência e da existência de cada

um de nós. Podemos, assim, testemunhar, através do seu estro, essa estranha realidade onde convivem **mano-a-mano** a vida e a morte, o passado e o futuro, a dor e o prazer. O poeta flagra desse modo o permanente confronto entre o tempo transeunte e a eternidade do amor. Se o tempo devasta e corroi, o amor preserva e recompõe, ao que nos diz o poeta.

E essa verdade, é ele próprio quem nos confessa, prostrado e vencido pela ação corrosiva dos anos, na **overture** do seu livro:**"Vi a face do tempo em cego espelho/Não era o fulvo e maturado tempo/Quem se mirava nos meus olhos baços/ Mais um tempo vazio, carcomido/Pelo estigma da dor e da tristeza"**. Mas isso nos comunica o poeta, quem sabe, para anunciar logo depois, dentro desse renhido diálogo a que acima nos referimos, na terceira cantiga de amor para Inalda que **"Agora a vida não mais foge./Nas súbitas malhas do amor/ A dor do mundo estanca e morre./ Agora a vida já não flui/ Basta que existas, para que a luz /Desta alvorada continue"**.

A poesia de Vanildo, como nas antigas cosmogonias orientais, se filtra nessa polarização maniqueista entre o tempo que mata e o amor que ressuscita. No seu universo poético, não há lugar para o "amor de perdição", imortalizado pelo sofrido romancista de S. Miguel de Seide. O amor em Vanildo é sempre "amor de salvação". E esse sentimento do amor como permanência intangível vem expresso na mais bela e na mais suave de suas cantigas de amor para Inalda: **"Com o teu amor eu exorciso as sombras; /Com o teu amor eu ponho asas sobre as pedras;/ Com o teu amor eu reconstruo o próprio tempo./ Podeis morrer, ó flores de setembro. /Podeis partir, ó salitrados ventos. /Não vedes que encontrei o meu refúgio,/ O porto em que me ancoro e me acalento?"**.

Nos quinze poemas de homenagem e de louvação à sua amada, o poeta paraibano retoma e reengendra, na linha do tempo, toda a beleza do lirismo trovadoresco do ocidente peninsular, sobretudo português. Era como se Vanildo trouxesse nas veias, por uma incontornável vocação hereditária,o pastoralismo dionisíaco da longínqua Galícia onde floresceram, há mais de seiscentos anos, as doces cantigas de amor do rei poeta Dom Dinis, certamente seu mais recuado ancestral.

Assim é o livro de Vanildo, um misto de desespero e de dor, sempre marcado pelo tempo feroz e iníquo, mas sempre também o poeta a salvar-se e a redimir-se nos rituais sagrados de um amor que não morre. Por tudo

isso, só nos resta pedir a Deus que retenha o poeta na terra pelo menos por mais 50 anos. Com isso, lucraríamos nós todos pela oportunidade de assistir a outros tantos e futuros desentranhamentos líricos que viriam, com toda certeza, enriquecer a poética do mundo.

Este trabalho composto e impresso nas
Oficinas Gráficas de
ALMEIDA GRÁFICA E EDITORA LTDA
Fone: (083) 241-1348, em setembro/1988